

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Tanise Reginato

Tempos de lusco-fusco: arte, política e consciência na formação

Porto Alegre
2. Semestre
2016

Tanise Reginato

Tempos de lusco-fusco: arte, política e consciência na formação

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Lucia Bezerra Machado

Porto Alegre
2. Semestre
2016

Dedico este trabalho a todos os estudantes e professores, que fazem da escola desse mundo ao avesso, lugar de luta e resistência. Que ocupam suas escolas, suas universidades, suas cidades, suas vidas pela causa coletiva do “ser mais”. Que refletem sobre a intencionalidade de seus atos, do ato educativo, buscado consciência e coerência. Que tem coragem de se assumir sujeitos políticos, tornando ação o pensamento crítico e assumindo o diálogo como potência transformadora. Sigamos lutando, sigamos sonhando e dispostos a aprender, por que como dizia Paulo Freire: “Somos andando”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a professora Carmen Machado por todo o carinho e dedicação com que orientou este trabalho e por ser um exemplo de força e resistência.

Aos professores que incentivaram o pensamento crítico: Eunice Kindel, Laura Fonseca, Paulo Albuquerque. O olhar e escuta sensível: Lica Barbosa, Dani Noal. A pesquisa e reflexão: Analice Dutra Pillar, Luciane Cuervo.

À minha mãe Nelci, que apesar da distância se fez presente todos os dias, sempre me apoiando.

Ao Luciano, pelo companheirismo e as muitas conversas didáticas sobre tudo. Por sonhar comigo e lutar diariamente por um mundo melhor.

Aos amigos que, perto ou longe, mostram a importância dos afetos. E durante esta jornada acadêmica, em especial à Tati B., pelas maravilhosas referências literárias e artísticas.

Aos colegas da *Ocupa Faced*, pelo seu comprometimento com a educação, pelo exemplo de conscientização e principalmente, pela coragem de lutar.

Nada é impossível de mudar
Desconfiai do mais trivial,
na aparência do singelo.
E examinai, sobretudo,
o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural.
Pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural.
Nada deve parecer impossível de mudar.
(Bertold Brech).

RESUMO

Este é um trabalho de reflexão sobre minha formação acadêmica e as contradições vividas neste percurso como trabalhadora. É também um acompanhamento do contexto social e político presenciado durante a construção destes escritos. Nesta caminhada, realizei dois encontros com estudantes em formação, coletando 23 registros acerca da apreciação de uma produção audiovisual (videoarte *Muto*). Com 13 deles estabeleci um diálogo dentro do movimento de Ocupação estudantil, a partir da mediação da própria arte. Neste trabalho, analiso partes de documentos, o qual também contém reflexões, narrativas e uma revisão da bibliografia acerca de conceitos de *consciência*. À luz de autores como Paulo Freire e Iasi, busco apoio para interpretá-los. A subjetividade dos estudantes posta em diálogo com a objetividade das práticas concretas, traz consigo a capacidade de criticidade do sujeito, é a movimentação da consciência, da experiência individual para a experiência coletiva. São as relações do mundo do trabalho e da arte, atravessando processos políticos no constante exercício da pergunta como possibilidade emancipadora e de resistência. Os grupos se constituem de indivíduos que elaboram de diferentes formas sua subjetividade, os quais se encontram em diferentes estados de consciência. O diálogo como parte do processo para a concretização de um tipo de formação (humana, política), de sociedade, de mundo, é ferramenta fundamental para realizar ações educativas transformadoras.

Palavras-chave: Formação. Trabalho. Política. Consciência. Arte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo <i>Muto</i> . Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	23
Figura 2 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	28
Figura 3 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	28
Figura 4 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	29
Figura 5 - Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	30
Figura 6 - In: GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços (2016, p. 15)	31
Figura 7 - Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	33
Figura 8 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	34
Figura 9 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	35
Figura 10 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016	38

SUMÁRIO

1. “QUE LUZ É ESSA?”	9
2. “HÁ SINAIS DE TEMPESTADE SOBRE NÓS”	11
3. “ESCREVER NOSSA HISTÓRIA É UM ATO POLÍTICO! ”: Trabalho e Formação	14
4. PELA OUSADIA DA PERGUNTA. PELO DIREITO DA DÚVIDA: Uma Estética da Resistência	23
4.1 Caminhos e análise	26
4.2 Sobre o vídeo	28
4.3 Sobre a exibição na <i>Ocupação</i>	30
5. TEMPOS DE SABER E CONSCIÊNCIA	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47

1. “QUE LUZ É ESSA?”¹

A motivação que inicialmente surgiu para a escrita deste trabalho, partiu do olhar da falta, da ausência. Dos tempos, durante a formação acadêmica, em que compreendi o significado do protagonismo dos estudantes em processos culturais e educativos, para além das salas de aula do curso de Pedagogia e dos espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dos tempos, em que percebi a ausência das colegas de graduação nesses espaços, mesmo em atividades diretamente ligadas à educação e à profissão docente.

As preocupações que lançarei aqui, nasceram à luz da inquietação de minhas observações e percepção, numa tentativa de compreender o contexto social que as envolve. Inquietações, que me fizeram buscar por caminhos ainda não desvelados por mim, futura docente. Caminhos que vão em direção ao necessário protagonismo do estudante como sujeito político, refletindo assim, sobre a importância da conscientização na formação de professores.

Um tema latente, especialmente pela atual situação da educação pública no conturbado cenário político nacional, é a necessidade de estabelecer relações entre a formação de professores e a importância do desenvolvimento de uma consciência de viés crítico, incorporada na atuação docente destes. Tais questões, tornaram-se ao meu ver, indispensáveis de ser discutidas após participar de alguns encontros da *Frente Gaúcha Escola sem Mordaça*², nos quais, apesar da gravidade dos assuntos tratados nos encontros ser de extremo interesse para discentes de licenciatura, percebi pouca adesão das estudantes. Daí a vontade de pesquisar junto às colegas, os motivos pelos quais elas participam tão pouco dos eventos (aulas públicas, seminários, assembleias, eleições, mobilizações) da Faculdade de Educação (Faced) e também da Universidade. Por que a falta de interesse por temas que transbordam as salas de aulas e que tem a ver tanto com as teorias quanto com as práticas do exercício de ser professor? Esse é o olhar da falta. Por que as ausências são muito significativas. É o incômodo de “olhar para o lado e não ver” as colegas de graduação, de profissão.

1 Referência à música presente no álbum *O Dia em Que a Terra Parou*, de Raul Seixas.

2 Carta manifesto da *Frente Gaúcha Escola Sem Mordaça*, publicada em setembro e disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/docs/CARTA.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2016.

Deste modo, busco suporte para este trabalho nas teorias críticas em educação, que reconhecem as instituições de ensino como historicamente situadas, em relações concretas com a sociedade da qual fazem parte. São autores como Paulo Freire, Mauro Iasi e tantos outros que inspiram as ideias aqui postas em movimento. Tais pensadores veem a educação como um campo político de disputa pela hegemonia e a pedagogia como um lugar cultural, em diálogo permanente com a formação da classe trabalhadora.

Na primeira parte deste trabalho, descrevo o contexto, o lugar de onde emerge minha fala, estabelecendo em seguida, uma narrativa da caminhada enquanto estudante trabalhadora. Percebendo quão contraditória foi a permanência na educação superior, e que, quanto mais eu me envolvia e dedicava às tarefas intelectuais, mais me afastava do mercado como força de trabalho, questionando-o. Foi essencial acessar a memória, revisitar a trajetória, como um ato que possibilitou transformação. Na segunda parte, vem a dialogicidade como método e viabilidade de construção do coletivo. A proposta com os sujeitos de pesquisa, foi de apreciação de uma produção audiovisual, seguida de escuta/diálogo com o objetivo de problematizar e conhecer os sentidos que espontaneamente os participantes atribuem ao vídeo. Parte do material documentado está disposto ao longo de alguns capítulos, dialogando com o interlocutor. Na terceira parte há uma reflexão, buscando conceitos e autores que achei pertinentes para compreender a realidade vivida, sendo central neste exercício pensar sobre a consciência, seus estados e superações, num movimento que vai em direção à um sujeito político e emancipado.

É importante ressaltar que no andamento e elucubração deste trabalho, houve uma transposição do problema. Em certo momento tornou-se mais significativo compreender a presença. Quem fica, fica por quê? O que faz com que algumas estudantes participem dos acontecimentos para além da aula formal? O que as motiva a participar de outros espaços de formação? Por que algumas permaneçam e se envolvem, protagonizam e resistem?

As suposições vieram nas cores do lusco-fusco, gradientes. Lusco-fusco é um termo utilizado para designar os instantes em que o céu, nas proximidades do horizonte (poente ou nascente), toma uma cor gradiente, entre o azul do dia e o escuro da noite. Tal e qual os dias atuais, que parecem ser tempos de transição. Só que ainda não sabemos se é uma transição para o crepúsculo de um novo dia ou de uma longa noite.

2. “HÁ SINAIS DE TEMPESTADE SOBRE NÓS”³

Vivemos um momento de muita instabilidade política na esfera governamental do país, o que tem gerado toda sorte de Projetos de Lei. E também resistências à eles. São propostas de cunho neoliberal que pouco estão sendo discutidas com a sociedade civil ou com especialistas e que se contrapõem aos princípios democráticos de respeito à diversidade, laicidade e liberdade. Ainda, a maioria das manifestações populares contrárias às propostas, tem sido ignoradas pelos governos e/ou sofrido forte repressão policial⁴.

Muitos desses projetos, são direcionados à educação e trazem uma ideia limitada e positivista de que é possível “neutralidade” para ensinar. Há uma intenção clara de censurar a liberdade de ensinar, *liberdade de cátedra*⁵ do professor, extinguir o debate político e a pluralidade de ideias nas instituições de ensino públicas, tornando-as homogêneas, instaurando o pensamento único e diminuindo as resistências ao pacote de políticas conservadoras e neoliberais que está sendo imposto de cima à baixo, aumentando drasticamente as desigualdades sociais em nosso país. Estas temáticas foram tratadas pelo Prof. Fernando Seffner (UFRGS) em encontro do Grupo de Estudos da *Frente Gaúcha Escola sem Mordaza*⁶.

Em contrapartida a esta série de ataques, que teve início com o processo de impeachment⁷ da então presidenta eleita Dilma Rousseff e que acelerou a tramitação dos retrocessos, desencadeou-se um conjunto de diferentes manifestações por parte de movimentos sociais, sindicatos, coletivos, estudantes e profissionais das áreas mais afetadas. Em nível municipal, estadual e federal.

3 Frase dita pelo escritor português Boaventura de Souza Santos em Conferência proferida no Salão de Atos (UFRGS) em 2014. O “nós”, refere-se à cientistas sociais, universidades, democracia e ciências humanas.

4 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/11/30/manifestantes-protestam-contrap-pec-55-ato-em-brasilia-termina-em-repressao-policial/>. Acesso em: 30 nov. 2016.

5 Sobre liberdade de cátedra ver: RODRIGUES, Horácio Wanderlei; MAROCCO, Andréa de Almeida Leite. *Liberdade de cátedra e a Constituição Federal de 1988: alcance e limites da autonomia docente*. In: CAÚLA, Queiroz et al. *Diálogo ambiental, constitucional e internacional*. Fortaleza: Premius, 2014. V. 2. p. 213-238.

6 Disponível em: <https://www.facebook.com/279178942465808/photos/a.280381405678895.1073741827.279178942465808/298634617186907/?type=3&theater>. Acesso em 28. Nov. 2016.

7 Ver reportagens acessadas em 30 nov. 2016 e disponíveis em: 1. Texto explicando resumidamente o processo: <http://www.politize.com.br/impeachment-de-dilma-retrospectiva/>; 2. Manifestação de Dilma Rousseff: <https://www.facebook.com/blogdilmabr/>; 3. Leitura de internautas na Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Processo_de_impeachment_de_Dilma_Rousseff; 4. Jornal alternativo: <https://www.brasildefato.com.br>.

Atenta e inquieta à toda essa movimentação fui coletando alguns materiais (panfletos e jornais) recolhidos ou recebidos no espaço da Universidade de julho até novembro deste ano. Estes, ilustram e situam o momento histórico que vivemos pela visão de estudantes, sindicatos, mídias alternativas e movimentos organizados que contestam e alertam sobre os retrocessos sociais que tais reformas trazem consigo (Anexos A, B, C).

Alguns desses materiais se utilizam da linguagem artística de charges e caricaturas (Anexos D, E, F, G) para reforçar seu conteúdo e expressão. O uso de desenhos de humor é comumente utilizado para analisar contextos históricos e políticos representando o pensamento do artista ou dos meios que os veiculam, mostrando que as produções imagéticas e seus discursos constituem uma forma de resposta das sociedades às suas tensões e desequilíbrios dentro das estruturas sociais. Assim, o imaginário, entre tantas outras possibilidades, torna-se também um lugar de luta e resistência. Segundo Bronislaw Baczko, seria através das imagens criadas de si, em determinada época, que uma sociedade manifestaria e esconderia as suas intenções, bem como o lugar que lhe caberia naquele contexto histórico (1984, p. 303).

Não há, porém, a intenção de analisar tais documentos, uma vez que o foco da pesquisa se desloca como o texto vai mostrando, mas explicitando que estes servem de “pano de fundo” social para contextualizar algumas questões aqui trazidas, assim como, servem para conectar o individual ao coletivo, o subjetivo ao concreto, a situação do presente às perspectivas do amanhã. Faço saber, que um dos motivos de escolha dos referidos materiais, tem relação direta com este trabalho, que se propõem a ser uma reflexão sobre a formação de professores em um determinado contexto. O outro motivo recai sobre o fato de que nenhum deles circula na grande mídia, possibilitando outros pontos de vista, que não o das grandes corporações que detém o controle da comunicação de larga escala e alcance. Mídia, que em um cenário globalizado, transmite discursos e ideologias do modelo dominante, a fim de homogeneizar estilos de vida, subtraindo subjetividades⁸.

8 Sobre influência da mídia e subjetividade ver: SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. *O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade*. Anais XV Encontro Abrapso, 2009. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20da%20m%C3%ADdia.pdf .

Assim, sob nuvens espessas, ocorreu o movimento de ocupação de escolas, institutos federais e universidades. O movimento que, apesar de ignorado pela grande mídia, se aponta como a maior mobilização estudantil da história do Brasil, teve um primeiro momento em 2015, no estado de São Paulo, quando estudantes secundaristas começaram a ocupar suas instituições após o governador Geraldo Alckmin anunciar o fechamento de 94 escolas⁹.

Outro momento importante destas manifestações, ocorreu no primeiro semestre deste ano no Rio Grande do Sul, onde também os estudantes secundaristas ocuparam escolas estaduais, se posicionando contra os PL 44/2016 e PL 190/2015 (Anexo H). Neste segundo semestre de 2016, as ocupações foram retomadas em diversas escolas por todo o país. Os estudantes mobilizados se colocam contra a Reforma do Ensino Médio MP 746/2016 (Anexo I) e a PEC 241 (agora PEC 55 no Senado Federal) que congela investimentos públicos em saúde, educação e seguridade social pela vigência de 20 anos (Anexos J, K).

As ocupações se espalharam, chegando também nas universidades públicas, privadas e institutos federais. A Faculdade de Educação (Faced/UFRGS) foi ocupada no dia 31 de outubro, depois de votação em assembleia estudantil realizada em frente ao prédio. Desde então, as aulas foram suspensas e a rotina do “prédio azul” é outra¹⁰. Este acontecimento afetou diretamente o andamento deste trabalho (tanto no âmbito da pesquisa quanto na construção do problema) e reafirmou em mim, a necessidade de pensar a formação de professores sob uma perspectiva de conscientização política, de participação coletiva, voltadas para uma práxis em que autonomia, emancipação e cidadania sejam mais que belas e recorrentes palavras presentes no currículo de nosso curso, mas que “saltem” do papel ganhando vida e forma concreta em nossas escolhas e ações do dia a dia, como estudantes, cidadãos ou educadores/professores comprometidos.

O termo *política* usado neste texto, permeia as considerações em torno da atividade de convivência humana, de procura, de hegemonia, de problematização, onde:

9 Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/10/sao-paulo-fechara-94-escolas-para-reorganizar-rede-estadual-de-ensino-393.html> . Acesso em: 30 nov. 2016.

10 Página em rede social da *Ocupa Faced*: <https://www.facebook.com/Resist%C3%Aancia-UFRGS-Ocupa-FACED-1805906429623311/?fref=ts> . Acesso em 30 nov. 2016.

Problematizar é construir um obstáculo no que por hábito se considera certo; este escolho ou pedra resulta de marcar uma diferença em um mecanismo de repetição; introduz, além disto, uma inquietude em um universo de crenças. Construir problemas, implantar obstáculos, provocar inquietude. (ANTELO, 1999, p. 228).

3. “ESCREVER NOSSA HISTÓRIA É UM ATO POLÍTICO!”: Trabalho e Formação

A pergunta veio depois. E foram muitas as perguntas. Mas antes, preciso contar como foi esta caminhada, em busca da pergunta, em busca da compreensão, em busca de sentidos para a minha formação, para a minha profissão, para o papel da educação na sociedade contemporânea. Se faz presente nesta narrativa, o desejo de que as pessoas compreendam como a história vivida se conecta com um todo social, com as relações que estabelecemos ao longo de nossa jornada de vida e que esses processos não são fragmentados. Me aproximo assim do método autobiográfico, que segundo Tomaz Tadeu da Silva:

Em oposição tanto às perspectivas tradicionais quanto às perspectivas críticas macrossociológicas, o método autobiográfico, na visão de Pinar, permite focalizar o concreto, o singular, o situacional, o histórico na nossa vida. Ele permite conectar o individual ao social de uma forma que as outras perspectivas não fazem. [...] tem uma dimensão formativa, autotransformativa. Em última análise, [...] tem um objetivo libertador, emancipador. Ao permitir que se façam conexões entre o conhecimento escolar, a história de vida e o desenvolvimento intelectual e profissional, a autobiografia contribui para a transformação do próprio eu (2005, p. 43).

Porém, o pensamento de “transformação do próprio eu”, me leva além da própria definição de indivíduo. Falar do “eu”, quando se vive em sociedade, é também falar do “nós”. Duran (2009, p. 28) recorre a Ferraroti para explicar a subjetividade na elaboração do conhecimento e a riqueza do método biográfico: “Se todo indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual (1979)”. Assim, outros também podem se instituir nesta relação que não é de uma pessoa só. Não é um “eu” isolado, são “eus” conectados. Não só pelo conhecimento, mas na relação com o (s) outro (s). Penso que neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o que construí (indo) é resultado de um processo de vivências, reflexão e elaboração das experiências vividas, sendo que o problema de

pesquisa é fruto desse conjunto de percursos formativos, e, portanto, segue em movimento. Segue vivo.

Ao ingressar no ensino superior, somos estudantes universitários, mas não só isso. Somos estudantes, filhos, pais, trabalhadores, namorados, amigos e muitas outras coisas ao mesmo tempo. Algumas dessas relações, em dado momento, nos marcam ou nos configuram mais que outras. No meu caso, era uma trabalhadora estudante, quando iniciei o Curso de Licenciatura em Pedagogia. Nessa ordem mesmo, pois à nível de importância, a função como trabalhadora era muito mais significativa naquele momento, do que o “luxo de ser apenas estudante”, ideia que nutri por muito tempo sobre poder apenas estudar sem ter a necessidade de trabalhar ao mesmo tempo.

Vinda do interior, de uma família com poucos recursos financeiros, precisei trabalhar para residir e permanecer na capital Porto Alegre). Tal atividade ocupava a maior parte do meu tempo como vendedora de loja em um *shopping*. Não é novidade que nesses locais destinados exclusivamente ao consumo, a jornada de trabalho seja extensa, já que permanecem abertos durante parte da noite, feriados e fins de semana. O pensamento determinista que eu tive por muito tempo foi o de que, se me esforçasse bastante, “algum dia, iria melhorar minha condição de vida e não precisaria trabalhar tanto, podendo me dedicar a algo mais prazeroso do que bater metas de vendas constantemente, com a finalidade de aumentar minha comissão”. Mas não importava quanto eu vendia, só quem enriquecia era o “patrão”.

Foi assim durante os dois primeiros anos de faculdade. Durante este tempo, a graduação não fazia muito sentido para mim, eu não conseguia internalizar o que aprendia, já que na minha realidade concreta e imediata aquilo tudo não tinha aplicação. Eu nem mesmo sabia se, e como isso iria melhorar minha condição de vida, de acesso e usufruto dos mais variados bens e serviços. Mas, ainda assim, seguia acreditando em consensos do tipo “é preciso estudar para ser alguém na vida”, “tem que fazer faculdade para ter uma boa profissão e ganhar dinheiro”, “o estudo é muito importante para se chegar a algum lugar” e outras frases de efeito que ouvi ao longo de minha vida, as quais circulam de maneira rasa e naturalizada pelo senso comum. Nesse ponto me parece pertinente pensar no conceito de hegemonia, formulado por Gramsci, pois segundo Tomaz Tadeu da Silva:

É o conceito de hegemonia que permite ver o campo social como um campo contestado, como um campo onde os grupos dominantes se veem

obrigados a recorrer a um esforço permanente de convencimento ideológico para manter sua dominação. [...] esse convencimento atinge sua máxima eficácia quando se transforma em *sensu comum* [grifo meu], quando se naturaliza (2005, p. 46).

Ou seja, é através da hegemonia que a cultura dominante de uma educação como meio de ascensão social é inculcada, fazendo com que muitos trabalhem incansavelmente para pagar seus estudos ou para se manter na Universidade pública, sem refletir que as condições para tanto, não são iguais para todos.

Em 2011, algumas mudanças lentamente começaram a acontecer. Convivendo socialmente, fiz algumas amizades e aconteceu um convite de trabalho. Cansada do servilismo do cargo de consultora de vendas em shopping, aceitei. Estava vislumbrando outras possibilidades em trabalhar num ambiente mais descontraído, com um público em sua maioria jovem, como eu, e com certa flexibilidade na jornada de trabalho. Foi um período marcante, pois ali conheci e convivi com diversas pessoas, diferentes visões, diferentes opiniões, múltiplas relações se estabeleciam o tempo todo. Neste espaço plural, tornou-se mais possível unir trabalho e algum prazer, uma vez que as regras que constituem o trabalho num *pub*, onde as pessoas buscam descontração, não são exatamente as mesmas que regem o ambiente de trabalho em um centro de compras, no qual as pessoas buscam exclusivamente a aquisição de um produto.

Ali foi possível trabalhar e fazer amizades, havia mais espaço para o diálogo, conversávamos sobre coisas do trabalho, do cotidiano, da vida pessoal, da cidade. Com isso, não estou dizendo que enquanto trabalhadora do *shopping* não fiz amigos, pelo contrário. Acontece que esse ambiente muitas vezes torna-se hostil em função da constante competitividade. Premiam-se os melhores vendedores com cestas de produtos e até viagens em cruzeiros, criam-se disputas internas por clientes, a chamada “lista da vez”, ocorrem treinamentos com o objetivo de qualificar o atendimento produzindo assim, um efeito positivo nas vendas e tudo isso serve como mecanismo de seleção, uma “corrida pelo ouro”, a qual vence o subordinado mais disciplinado, aquele que mais eficientemente cumprir a meta vigente. Assim, não raro, inibem-se possíveis relações amigáveis e de parceria entre os funcionários, favorecendo climas de competição e disputa. Situações típicas da antagônica sociedade capitalista.

Tomas Tadeu da Silva, assim como Dermeval Saviani (2012), ao falar dos marcos fundamentais da teoria educacional crítica, lembram Althusser e sua obra “A

ideologia e os aparelhos ideológicos de estado” (1970). O autor, ao explicitar como a ideologia funciona através da escola, explicita que a ideologia atua de forma discriminatória, inclinando as pessoas das classes subordinadas à submissão e obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e controlar. Essa diferenciação é garantida pelos mecanismos de seleção. O autor lembra ainda Bowles e Gintis, os quais afirmam que a ênfase (sobre como a ideologia dominante contribui para que a escola continue sendo capitalista) é na aprendizagem das vivências sociais da escola, que, como no mundo do trabalho se dá por atitudes de obediência a ordens, pontualidade, assiduidade e confiabilidade no caso do trabalhador subordinado. Esse funcionamento está carregado de crenças sobre a desejabilidade das estruturas sociais e, certamente, formar uma consciência sobre essa realidade não é tarefa fácil, já que os sentidos não estão aparentes, não estão dados e como se sabe, colocam-se muitos limites à classe trabalhadora para que esta, não perceba sua própria condição como “não natural”.

Retomando, o cansaço do trabalho noturno, “em ritmo de festa”, também minava minha disposição para estudar no dia seguinte e desse jeito ainda não conseguia me apropriar significativamente das aprendizagens do curso. Muito embora, devo confessar que os questionamentos acerca de tudo começaram a emergir mais claramente nesta fase, pois tive contato com pessoas de opiniões críticas e engajamento político.

Instigada então, por outras perspectivas, começo a prestar mais atenção na cidade, nas relações sociais e de trabalho, na política. O interesse e curiosidade pelo funcionamento e história do mundo aumentam e começam as indagações acerca do papel da educação neste contexto. É evidente que algumas disciplinas e professores da Universidade também contribuíram com suas aulas reflexivas e problematizadoras. É mais ou menos nesse momento que tenho a oportunidade de iniciar uma bolsa de Iniciação Científica (IC). Confesso que de início me interessava pela possibilidade de novos conhecimentos tanto quanto pela remuneração da bolsa que complementaria minha renda, mas ainda não tinha noção da importância deste evento para minha vida pessoal e acadêmica. Como disse Rubem Alves em seu livro *Estórias de quem gosta de ensinar*, o saber leva tempo para crescer. Sobre a IC é importante dizer que foi num processo dialógico que envolveu encontros com o grupo de pesquisa, leituras, escritas e apresentações de trabalho que fui descobrindo a pesquisa, que fui me apaixonando pela pergunta. Foi muito

enriquecedor esse encontro com o campo da leitura de imagem, o ensino da arte, produções audiovisuais e a relação destes com a visão de mundo que eu estava começando a ampliar.

Aos poucos, fui refletindo sobre a grande inserção de imagens de todo tipo presentes em nosso cotidiano, buscando compreender como as tecnologias, a publicidade, as telas são utilizadas a favor da reprodução de uma visão (ideologia?) consumista. Em contrapartida, fui pensando em possibilidades do uso reflexivo de imagens e produções audiovisuais que se contrapõem a essa perspectiva, para construir outros significados, outras formas de ver, de pensar e falar da contemporaneidade, especialmente em contextos educativos.

Nesta aproximação com a arte, veio a 9ª Bienal do Mercosul. Mostra de artes visuais dedicada à arte contemporânea latino-americana, realizada a cada dois anos na cidade de Porto Alegre. A instituição que organiza a mostra realiza uma série de eventos para além da exposição e isso envolve palestras, oficinas, curso de formação para mediadores, seminários, exibição de filmes e outros. Na edição de 2013, fui mediadora, participando dos encontros de formação e outros eventos que foram realizados antes, durante e depois de encerrada a exposição. Foi uma experiência realmente incrível e ao mesmo tempo desafiadora. Eu, que tinha apenas experiência de trabalho no comércio, de repente me vejo mais próxima da minha área de atuação, aprendendo a mediar obras de arte e público, numa relação educativa, criativa e de interação. Aprendi fazendo, fascinante.

O foco curatorial da mostra centrava na interação entre natureza e cultura e na forma como os artistas percebem essa relação e seus desvios, em um constante diálogo com as tecnologias e a ciência. A construção dessas aprendizagens, de forma prática e teórica foi muito significativa. A Bienal, segundo Mônica Hoff, curadora de base daquela edição, apresentava-se como um amplo projeto educacional, no qual a educação:

[...] é considerada um organismo vivo dentro e fora dos espaços da 9ª Bienal do Mercosul. Ela é uma força e um estado de espírito, é afeto e afeta, é pensamento e ação. Ao considerar isso, o projeto pedagógico [...] pretende afetar e gerar afeto, fazendo da experiência algo significativamente transformador na vida das pessoas que participam da Bienal (2013, p. 2).

Assim, através de um grande programa de ações articuladas e integradas, o Programa Redes de Formação¹¹, proporcionou diferentes experiências para educadores, mediadores e público interessado, muitas delas, de fato transformadoras para mim. Foram diversas leituras em torno da temática da mediação e sobre as obras de arte que seriam expostas, conversas em grandes e pequenos grupos, encontros, poéticas, um pensar conjunto incluindo possibilidade de criação. Considero muitas dessas oportunidades inéditas na minha vida e por isso mesmo transformadoras. Algumas experiências foram mais marcantes, como a “Conversa de Campo – Observação de Corpos Celestes” realizada na cidade de Eldorado do Sul e a atividade “Residências nas escolas”, que foi realizada em uma escola pública de Porto Alegre, com o objetivo de, em dupla, incentivar um espaço de interação e intercâmbio entre mediadores, professor e alunos, desenvolvendo projetos de curto prazo. Juntamente com outra mediadora, fizemos a exibição de parte do documentário *Só dez por cento é mentira*, sobre a vida do poeta brasileiro Manoel de Barros e, a partir disso, deu-se um diálogo, seguido de produção escrita e construção de “máquinas de poesia” com os alunos de um 6º ano. Era uma proposta de sensibilização para abusar da criatividade, pensando nas conexões entre arte e ciência. Foi lindo.

Essas experiências aconteceram em meados de 2013, que foi um ano social e politicamente agitado no Brasil. Houveram manifestações de rua por todo o país, iniciando com protestos em algumas capitais, contra os aumentos de passagem no transporte público e mais adiante, a soma de diversos fatores se configurou em uma crise de representatividade na esfera político partidária. Neste clima favorável à críticas e questionamentos, os mediadores da 9ª Bienal também realizaram protestos e paralisações. Inclusive formaram o “Coletivo Autônomo de Mediadorxs”, do qual infelizmente não participei ativamente, não sei exatamente por quê. Talvez não estivesse “desperta” para minha condição de estudante trabalhadora e a importância da participação em processos reivindicatórios como exercício de cidadania, talvez estivesse mais preocupada com questões individuais e subjetivas. O fato é que, ponderando sobre isso, acredito ter deixado de viver algo bastante significativo em termos de coletividade.

Os mediadores envolvidos publicaram “carta de reivindicações”, realizaram uma paralisação no último dia da mostra e fizeram cartazes e denúncias acerca de

11 Disponível em: <http://fundacaobienal.art.br/site/es/noticias/1117> . Acesso em 15 nov. 2016.

práticas de caráter discriminatório e segregatório no âmbito de Instituições como a Fundação Bienal, muitas delas praticadas ao longo da mostra. Eles também tinham o intuito de esclarecer que, como mediadore(a)s, ao mesmo tempo cidadã(o)s e trabalhadore(a)s na mostra, repudiavam tais práticas e reivindicavam por melhores condições de trabalho e visitação na mostra. Acabei acompanhando esses eventos por email, página do grupo na internet, constantes conversas durante a exposição e uma reunião geral, onde este e vários outros pontos foram discutidos. Na página eletrônica do Coletivo, consta o seguinte trecho escrito por uma mediadora, referente ao dia de paralisação:

Somos trabalhadores e trabalhadoras de algo imaterial. Não produzimos carros ou pregos; produzimos conhecimento, descoberta, aprendizado: diálogo. Um diálogo baseado na construção da igualdade apesar e para além das desigualdades que estruturam nossa sociedade. Logo, neste dia, nossa mediação era menos em relação às obras expostas, e mais um diálogo – na forma de um constante questionamento – sobre o desigual acesso à “arte” e à “cultura”¹².

Acredito que, este relato traduz de forma ativa e profunda o que hoje penso ser o papel de uma educação transformadora em nossa sociedade.

A experiência seguinte também foi atravessada por relações que reproduzem a forma como nossa sociedade está estruturada. No ano seguinte à Bienal, iniciei um estágio na área da Educação Infantil, em uma escola privada situada em um bairro de classe média desta cidade. No começo tive muitas dúvidas, não sabia se ia gostar ou me acostumar neste ambiente até então “estranho” para mim. Tinha receio de trabalhar com crianças tão pequenas, mas precisa de alguma experiência na área para a qual estou me formando e precisava também da remuneração. Nos primeiros meses, pensei diversas vezes em desistir. Ao final do dia estava sempre exausta, “são muitas crianças, não sei o que fazer”, “fraldas, mamadeiras, choros, disputas, mordidas, tombos, hora disso, hora daquilo, pega brinquedo, junta brinquedo, guarda, eles pegam de novo, lanche, soninho, pátio, janta, fraldas de novo, hora da saída, ufa!”. Então era essa a rotina da Educação Infantil? Na prática fui percebendo muitas faltas na minha formação, eu realmente não me sentia preparada para isso. Será que um dia nos sentimos preparados? Pelo sim, pelo não, acabei permanecendo por mais de dois anos na escola.

12 Disponível em: <https://coletivoam.wordpress.com/>. Acesso em 20 nov. 2016.

Depois que a insegurança amenizou, fui aprendendo muitas coisas, algumas não eram nem mencionadas na faculdade, coisas de ordem bem prática sobre como receber os pais, como receber as crianças, como deve ser a troca de fraldas, como e quando interferir nas disputas das crianças, o momento do colo, o momento de “ser firme”, sutilezas e também durezas. Pode-se aprender muito com os pares e sobre isso sou muito grata à parceria que tive com a professora com a qual trabalhei.

Mas o contrário também ocorreu, aos poucos fui percebendo que muitas coisas que estudava no curso de Pedagogia, como sendo o ideal e em conformidade com a lei, não eram feitas ali. Como por exemplo respeitar o ritmo de cada criança, proporcionar um ambiente amplo para locomoção, contato com elementos da natureza, existia muito o “não pode ir sujo pra casa, pois os pais não gostam”, os portfólios e suas fichas de avaliação com questões fechadas do tipo “marque com X”, os trabalhinhos padronizados e “retocados” ou finalizados pelos adultos, o planejamento padrão feito sem pesquisa, sem avaliar a necessidade de cada turma, a retirada de atividades prontas da internet sem a maturação sobre a qualidade das mesmas, a falta de apoio pedagógico (a Pedagoga responsável por esse apoio ia à escola apenas uma vez por semana) e até questões éticas envolvendo dinheiro, leis, políticas.

Estas e outras questões passaram a me incomodar muito durante este tempo em que fiz estágio. Como lidar com crianças que trazem de casa falas de preconceito racial e de classe? Como conviver com a supervalorização das aparências (o limpo, o organizado, o bem vestido, o caro) em detrimento à essência? O que pensar sobre ética, quando a pessoa que representa a instituição coloca determinada criança em diversas situações de privilégio por conta da posição social dos pais? Definitivamente, o tipo de educação reproduzida ali, não estava em consonância com o tipo de ser humano que eu desejo que se reproduza nesta sociedade. Como fica o bem-estar, o aprendizado e os direitos das crianças nesta escola? Me sentia incomodada, não podia naturalizar ou simplesmente aceitar tantas situações arbitrárias.

Neste sentido, é importante registrar que o Projeto Político Pedagógico realizado no dia a dia da Instituição não tem coloca a criança como centro do planejamento curricular, nem dialoga com o preconizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, que afirma a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, DCN's, 2010, p. 12).

O ápice do meu aborrecimento com a escola, se deu quando realizei o estágio obrigatório do curso. Também na Educação Infantil, porém em uma instituição pública, conheci um lugar onde o centro do planejamento é a criança, onde o foco é na relação com o pedagógico e não com a mensalidade (durante as reuniões com a psicóloga, na escola privada, essa era uma forma aberta de se referir aos pais “eles são nossos *clientes* e querem o melhor para seus filhos” dizia ela), onde os pais são servidores e não clientes, onde a creche é escola e não empresa. Em contato com uma nova prática percebi que outros significados e escolhas são possíveis na educação. Encerrei o estágio remunerado e concluí com dedicação o estágio curricular, pois como diz Jefferson da Silva (1992, p.22): “A sensibilidade e a identificação do intelectual com a realidade não significam acomodação e conformidade, mas estão acompanhadas da capacidade de penetrar essa realidade para, aí, descobrir seu movimento e sua contradição, e assim, contestá-la.”

Enfim, nos últimos meses tenho me dedicado exclusivamente às atividades acadêmicas, aulas, pesquisa, leituras, seminários, encontros, entre outros. Esse maior envolvimento no meio acadêmico, fez-me perceber mais claramente as contradições que vivia e que possivelmente vivem todos os trabalhadores estudantes, que, não podendo dedicar-se exclusivamente aos estudos, acabam sendo obrigados a ser coniventes com a lógica do mercado capitalista, participando de forma ativa de um sistema que visa o lucro e não o conhecimento. Assim, acabam não se apropriando dos instrumentos teórico-metodológicos que lhes permitiriam uma melhor elaboração do seu saber – referenciando Kuenzer, servindo apenas como formação de força de trabalho para o mercado¹³.

Nuccio Ordine, professor italiano, critica a propagação da lógica do lucro à escolas e universidades e o caráter dominante das leis de mercado aplicadas ao campo da educação, da pesquisa e da cultura, por que ao contrário do que pretendem nos ensinar:

13 Para saber mais sobre trabalho e formação humana ver: MACHADO e NUNES. *Formação da força de trabalho na universidade: perverso e transformação*. In: RIBEIRO, Jorge Alberto Rosa; RIBEIRO Marlene (Org.). I SEMINÁRIO DO TRAMSE. **Trabalho, movimentos sociais e educação: redes de pesquisa**. – Porto Alegre : Itapuy, 2011. p. 213-221.

[...] o estudo é antes de mais nada aquisição de conhecimentos que, livres de qualquer vínculo utilitarista, nos fazem crescer e nos tornar mais autônomos. E justo a experiência do aparentemente inútil e a aquisição de um bem, não imediatamente quantificáveis, revelam-se “investimentos” cujos “lucros” virão à luz ao longo prazo (2016, p. 108).

Uma das atividades que participei recentemente, agora com mais tempo dedicado à formação, foi o *Atelier de Formação Básica em Ludopedagogia*¹⁴. Foram alguns encontros que envolveram brincadeiras, jogos, cantos e dinâmicas, onde ao final dos encontros ocorreram diferentes formas de registro do que foi vivido (escrita, oralidade, expressão do grupo, compartilhamento coletivo, escuta). Mas por que escrever, registrar sistematicamente as atividades vivenciadas? Pela possibilidade de pensar, organizar e refletir sobre a prática, para criar conhecimento e memória coletiva, conhecer as sensações do grupo e protagonizar a experiência como transformadora, construindo nossa própria história. E, como disse Estela (coordenadora das atividades do Grupo La Mancha): “Escrever nossa história é um ato político!”.

4. PELA OUSADIA DA PERGUNTA. PELO DIREITO DA DÚVIDA:

Uma Estética da Resistência

[...] educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas – momentos simultâneos da teoria e da prática, da arte e da política, o ato de conhecer a um só tempo criando e recriando [...] (FREIRE, 1986, p. 76).

Mas então, que relação formativa estou tendo na Faculdade de Educação? Ela me forma para quê? Para me ajustar ao mecanismo social vigente? Ou para perceber suas contradições tentando superá-las? Para ter um diploma, uma láurea, ser invisível e acomodada dentro das especificidades da atuação profissional? Ou me forma para tomar posição, para me fazer perceber criticamente esse lugar de trabalhadora da educação, as possibilidades da docência como prática social concreta e os sujeitos como potências criadoras?

Quando a dúvida passou a ser exercício constante, os questionamentos sobre participação consciente e política “alvoreceram” em mim. Passei a perceber a

14 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projetogeringonca/2016/10/11/projeto-geringonca-trouxe-la-mancha-para-porto-alegre/>. Acesso em 25 nov. 2016.

importância de estar mais presente na minha própria formação, me apropriando de aulas abertas, palestras e eleições. Com isso, notei a significativa ausência das colegas da Pedagogia nestes espaços. Pois mesmo quando os professores liberavam de suas aulas para participar, muitas logo iam embora. E a princípio minha pergunta foi “por que é que as pessoas vão embora?”. O que diferencia as poucas que ficam, das muitas que se vão? Para além das urgências da rotina e das necessidades de uma sociedade onde tudo se acelera, em que se aproveita o tempo “livre” para estudar, fazer um trabalho da faculdade ou por que tem de almoçar, tem que correr, pegar ônibus e tantas outras tarefas que nos “engolem” diariamente. O que acontece que não nos deixa perceber que existe um espaço de formação que não é só na sala de aula, na formalidade? Que ouvir uma palestra sobre políticas públicas na educação, dialogar com colegas em uma aula aberta, participar da eleição para Reitor ou Diretor da unidade, apoiar e participar de uma greve ou ocupação também se configura como formação, como lugar de aprendizagem?

O seguinte registro de uma estudante, durante atividade proposta para este trabalho, nos dá uma pista:

Fiquei confusa, curiosa durante todo o vídeo, tentando identificar o que era "a peça" que fazia a multiplicação. ↳ e qual o sentido dela

Pensei também na rotina turbulenta que vivemos então coisas não acontecendo automaticamente, sem nos darmos ação, sem refletirmos - é como se o sistema nos engolisse.

Figura 1 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo Muto. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

Em meio à “rotina turbulenta”, “é como se o sistema nos engolisse” e, portanto, não refletimos. Se os estudantes de um curso de formação de professores, não estão refletindo sobre suas práticas, quem mais vai fazer isso? Que profissional vai ser esse? Segundo Cunha, “[...] o processo de formação é permanente e indissociável de uma concepção inacabada do ser humano que, como afirma Charlot, é entendida como uma produção de si, por si, ou seja,

aprender para se construir, segundo um triplo processo de hominização (tornar-se homem) de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, da qual se partilham os valores e em que se ocupa um lugar). Aprender para viver com outros, homens com os quais se partilha o mundo.” (CHARLOT, 1997 *apud* CUNHA, 2010, p. 190).¹⁵

Essa discussão, me leva a pensar na formação como um processo de desenvolvimento da emancipação do sujeito, no sentido pensado por Freire, que se dá na relação entre política e educação, num tensionamento que busca o potencial libertador das práticas educativas através da conscientização de quem aprende ensinando e de quem ensina aprendendo. Então, eu quero saber, me envolver, participar, conhecer teorias, vivenciar práticas com autonomia, protagonismo, emancipação ou o que eu busco é o capital cultural institucionalizado representado pelo diploma?

O desejo individual de ter, do “para si”, fica quase sempre sobrepujado ao desejo de ser “em si” e para além “de si”, como coletivo. Muito embora os sujeitos também se beneficiem das conquistas de grupo, parece que a necessidade de “ser alguém”, que nesta sociedade neoliberal anda lado a lado com a cultura de consumo, se sobrepõe à essencialidade do saber conhecer. Mesmo na esfera pública temos “estudantes-clientes”, “universidade-empresa” e “professores-burocratas”, nos mostrando que a lógica do lucro produz efeitos catastróficos no mundo da educação, para referenciar Nuccio Ordine. Isso tudo gera uma superficialidade nos processos de formação:

Por isso, indagamos: como formar o “educador crítico” proposto pela grande maioria dos cursos de Pedagogia mantendo, ao mesmo tempo, as grades curriculares fechadas, aprisionando completamente os alunos em disciplinas obrigatórias?

Nesse sentido, defendemos a pergunta como uma metodologia pedagógica para suscitar a dúvida e ampliar a sensibilidade, como a práxis de enfrentar a anestesia social, cujo comprometimento é com a manutenção dos privilégios justificados como “méritos”. Que duvidemos e semeemos o fértil terreno estético da ousadia da pergunta. (TAVARES in RIBEIRO, 2011, p.250).

Mas em tempos de deslocamento, instantes de lusco-fusco (transição para um novo dia ou para uma longa noite?), em que o exercício da dúvida é posto em questão, o que faz com que alguns estudantes sigam se envolvendo, protagonizando, resistindo? Foi na curiosidade de conhecer e investigar hipóteses

¹⁵ Citação indireta, pois a Biblioteca Setorial de Educação encontrava-se fechada, dada a ocupação do prédio, o que me fez refletir sobre a importância do acesso aos materiais de que dispomos ali.

que optei por compartilhar impressões acerca de uma produção audiovisual com colegas de curso, possibilitando aproximações de pesquisa com o ensino da arte, com visões políticas, com a experiência estética e política atrelada ao olhar e escuta sensível.

O entendimento que tenho do termo *resistência*, vai de encontro com as discussões de Guareschi, que se apoia em Giroux, para definir o conceito, que:

representa mais que uma palavra motivadora na linguagem da pedagogia radical; ele descreve um modo de discurso que rejeita as explicações tradicionais [...] e transporta a análise do comportamento antagônico dos domínios teóricos do funcionalismo e da psicologia educacional corrente para os da ciência política e da sociologia. A resistência, nesse caso, redefine as causas e sentido do comportamento antagônico afirmando que ele tem pouco a ver com mau comportamento ou desamparo aprendido, mas muito a ver com indignação moral e política. (GIROUX, 1983b, p. 289 *apud* GUARESCHI, 2002, p.54).

A autora ainda ressalta que “A resistência deve ser analisada a partir de um ponto teórico inicial, que o relaciona com o comportamento que apresenta o interesse de emancipação [...] pela mediação histórica e cultural que a constitui.” (2002, p.55). Assim, a ideia de uma estética de resistência é uma provocação e um convite a experimentar outros olhares e valores de “belo”, de sentir, de sensibilizar, de criar suas próprias representações, pois, “se não represento o mundo como meu, não posso transformá-lo”¹⁶.

4.1 Caminhos e análise

A proposta da atividade de pesquisa tinha a intenção de conhecer como alunas de etapas diferentes (1º e 6º semestre) do curso de Pedagogia significam a experiência de apreciação de uma produção audiovisual (a videoarte *Muto*). O objetivo era coletar registros por escrito e estabelecer um diálogo com as estudantes, dando espaço para que expusessem seus pensamentos, imaginação e reflexões, a partir da mediação da própria arte. Para além da intencionalidade inicial e como reflexo da crise política de disputa do capitalismo, a pesquisa foi atravessada pela causalidade do momento que vivemos. No dia em que ia realizar a conversa com as alunas do 6º semestre, ocorreu a assembleia dos estudantes da Faculdade de Educação, sendo que durante a exibição do vídeo o prédio da faculdade foi

¹⁶ Boaventura de Souza Santos em Conferência proferida no Salão de Atos (UFRGS) em 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tvZBoV4o86Y> . Acesso: 25.nov 2016.

oficialmente ocupado¹⁷ e a atenção das estudantes presentes se voltou para a tensão do ocorrido. Conversamos e decidimos “concluir” a atividade apenas com a escrita de suas percepções, não havendo clima propício para o diálogo que poderia se seguir.

Com a ocupação efetivada, eis que surge um outro espaço para vivenciar este estudo. Embora eu não esteja participando como aluna ocupante, tenho me inserido ativamente nas atividades da *Ocupa Faced*, termo utilizado pelos estudantes para designar o movimento. Propus então, a atividade objeto deste trabalho na primeira semana de ocupação. A proposta se tornou uma atividade aberta dentro da programação da *Ocupa* (Anexo L), mas também foi enviado e-mail para as alunas do 1º e 6º semestre, convidando-as a participar. No dia, compareceram apenas duas estudantes do 1º semestre e uma do 6º. O restante dos envolvidos eram estudantes ligados às ocupações.

E por que o uso de um vídeo com características de videoarte (o termo *videoarte* é utilizado para definir a produção audiovisual utilizada, segundo pesquisa realizada anteriormente) para estabelecer esse diálogo? Não bastaria um questionário escrito ou entrevistas? Greice Cohn, com sua tese de doutorado, ajuda a pensar tal abordagem:

A videoarte traz mais perguntas do que respostas a seus espectadores/participadores, convidando-os a rever conceitos anteriores a partir da confrontação com novas situações que desestabilizam modos apreciativos habituais. Jacquinet adverte que “a verdadeira liberdade é ter a oportunidade de refletir, de trabalhar com o que lhe dão a ver e a entender” (JACQUINOT, 2012, p. xiv). Se as imagens, de uma forma geral, já permitem ao aluno mais liberdade de leitura do que a palavra, como defende a autora (ibid, p. 16), as imagens da arte, ao operarem poeticamente com processos imaginativos e perceptivos potencializam a reflexão e o pensamento criativo e autônomo, objetivo essencial de toda formação (ibid, p. xiii). (COHN, 2016, p. 51).

Lançar mão de meios artísticos que nos provoquem a refletir, a sentir de diferentes jeitos a experiência estética, é fundante para perceber a capacidade que tem a relação estreita entre arte e educação ao nos instigar a “saber olhar” e compartilhar os sentidos com o outro. Nos registros das estudantes surgiram diversas expressões como *“desacomodar, estranhamento, ansiedade, satisfação, agonia, confusa, aflita, desagradável, silenciamentos, medo, questiona, forte, perturbação, vazio, encantadora”*, as quais evidenciam a dimensão que as produções

17 Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-ocupam-predio-da-faculdade-de-educacao-da-ufrgs/> . Acesso em 29 nov. 2016.

audiovisuais da arte têm, de confrontar e promover olhares que desestabilizam os modos convencionais de ver. A arte, ademais do que está em galerias ou museus, como teoria e método de mediação nos proporciona essa possibilidade:

[...] a arte pode ser também o que está posto nos muros, nas paredes das cidades e que nos provoca. Esta provocação pode ocorrer de forma prazerosa ou não. Segundo as ideias kantianas, a arte precisa promover e causar uma sensação, seja ela boa ou ruim. Provocar pode gerar incômodo e, principalmente, desconforto. Assim, a letargia a que estamos acostumados dá lugar à dúvida, que é o primeiro passo para gerar reflexão. (LOPES, 2011, p. 253).

4.2 Sobre o vídeo

O audiovisual escolhido para a exibição, foi objeto de estudo na pesquisa *A montagem na videoarte Muto e suas significações para a educação*¹⁸. O vídeo foi produzido pelo artista italiano Blu, está disponível na *web*¹⁹ e tem mais de 11 milhões de visualizações. Blu, mantém sua verdadeira identidade no anonimato, sendo conhecido por suas obras surrealistas e de grande proporção feitas em espaços públicos. A estética de sua arte incorpora detalhes cômicos com forte teor crítico social e aborda assuntos como capitalismo, etnia e política. Blu utiliza técnicas de grafite (arte de rua inserida na cultura *hip hop*) em seus murais e as alia à técnicas de animação (*stop motion*) nos vídeos.

A obra *Muto* (Anexo M), traduzida do italiano significa *mudo* e foi realizada em 2008 na cidade de Buenos Aires. Em síntese, são pinturas que “saem” das paredes e calçadas, ganham vida e iniciam uma caminhada por diferentes espaços da cidade. A partir disso, muitas podem ser as interpretações do todo da obra e podemos analisar as imagens sobre diversos olhares, pois o sentido que cada um atribui, é uma construção do sujeito em interação com o que está posto nos textos, seus interesses, as informações de que dispõem e o contexto que o cerca (LANDOWSKI, 2009, p.4).

Meu contato de longa data com este audiovisual e as análises realizadas anteriormente, me fazem acreditar na relevância e grandeza desta obra. Como arte, por sua beleza estética e questionadora; como técnica, por seu hibridismo e complexidade; como crítica à sociedade contemporânea, pela intensidade satírica de

18 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/136997> . Acessado 30 nov. 2016.

19 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uuGagLT-gO4>. Acessado 30 nov. 2016.

problemas que as imagens suscitam; como negação do privado e particular; ao ressignificar o espaço urbano, o espaço público. O destaque também se dá pela historicidade do artista, como exemplo de práxis, o qual mostra coerência entre sua obra crítica e seu posicionamento de anonimato que não busca visibilidade na grande mídia. Inclusive, recentemente Blu esteve a apagar seus murais espalhados na cidade de Bolonha²⁰, para evitar que fossem indevidamente apropriados pelo circuito da arte renomada de museus e corporações, já que suas obras anticapitalistas não devem servir exatamente aos interesses de organizações culturais ligadas à bancos.

Mas para que serve a cultura, os vídeos de arte, a estética urbana dos grafites que muitos consideram vandalismo? Se não posso vendê-los ou comprá-los, não são inúteis? Nuccio Ordine, vai chamá-los de *saberes inúteis*:

Nesse contexto brutal, a utilidade dos saberes inúteis contrapõe-se radicalmente à utilidade dominante que, em nome de um interesse exclusivamente econômico, está progressivamente matando a memória do passado, as disciplinas humanísticas, as línguas clássicas, a educação, a livre pesquisa, a fantasia, a arte, o pensamento crítico e o horizonte civil que deveria inspirar toda atividade humana. No universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro: porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre mais difícil compreender para que pode servir a música, a literatura ou a arte. (2016, p.12).

Das análises que fiz da videoarte, apreendi especialmente a crítica à sociedade contemporânea, evidenciada quando o artista dispõe personagens antropomórficos em uma rotineira metamorfose. A narrativa mostra a cotidianidade muda do indivíduo social que parece estar sempre fugindo e buscando algo ao mesmo tempo, como que numa relação predador-presa. Também está presente na simbologia das imagens as forças dos ciclos de vida, organismos e casulos que se dividem ou multiplicam em (in) evolução. Mas as formas orgânicas também se subordinam à mecânica e à geométrica, numa fusão de humanidade com o mundo industrial. Durante a exibição na turma do 6º semestre, algumas estudantes, que se detiveram a interpretar o vídeo e sua técnica, estritamente, ajudam a ilustrar esta leitura:

20 Notícia publicada e disponível em: <https://www.ideafixa.com/blu-esta-apagando-todos-os-seus-murais-na-bolonha/> e <http://outracidade.uol.com.br/blu-apaga-todos-os-seus-murais-em-bolonha-em-protesto/>. Acesso 20 nov. 2016.

O sentimento é o quão difícil deve ter sido a execução da filmagem e o quão bem feita esta ficou.

Na questão interpretativa, me parece muito uma sequência de metáforas, que parecem não acabar e sempre retornar, infinitamente.

Figura 2 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

O vídeo aparenta o dinamismo das ações, semelhante ao movimento, nesse sentido. Um cotidiano sempre em movimento, que não se paraliza e que troca de planos e cenas capazes de proporcionar transformações em pouco tempo.

Figura 3 – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo Muto. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

4.3 Sobre a exibição na *Ocupação*

No início do mês de novembro realizei a atividade na sala 102 da Faculdade de Educação. Depois de participar da primeira assembleia da *Ocupa*, realizada no dia 31 de outubro às 19h no saguão do prédio e acompanhar algumas atividades durante a semana, surgiu a ideia de realizar uma nova apreciação, desta vez como programação dentro do contexto da ocupação. A proposta foi aceita e no dia 07 ocorreu nosso encontro. Havia 13 participantes e uma criança que estava acompanhada de sua mãe. A atividade atrasou, pois, os estudantes fizeram uma assembleia de emergência para deliberar algumas decisões em torno de um imprevisto ocorrido naquela manhã. Ainda assim, depois que os participantes chegaram, assistiram o vídeo e escreveram suas impressões, tivemos em torno de

uma hora de diálogo, que apenas não se estendeu pela chegada de alguns professores que tinham reunião na mesma sala, em seguida.

Foi um momento bastante rico e necessário, pois à medida que cada um ia falando, refletindo sobre o que foi visto, íamos reelaborando nossas próprias significações. Como disse um dos participantes: *“Com certeza ele suscita diferentes interpretações né (o vídeo). Ele tem essa coisa de poder analisar coletivamente os espaços e da mesma forma essa coisa nossa de poder... do nosso interior comunicar alguma coisa que a gente percebe. Eu fiquei mais na questão dos homens que se reproduziam e ao mesmo tempo se desfaziam e aí eu escrevi assim ó”*:

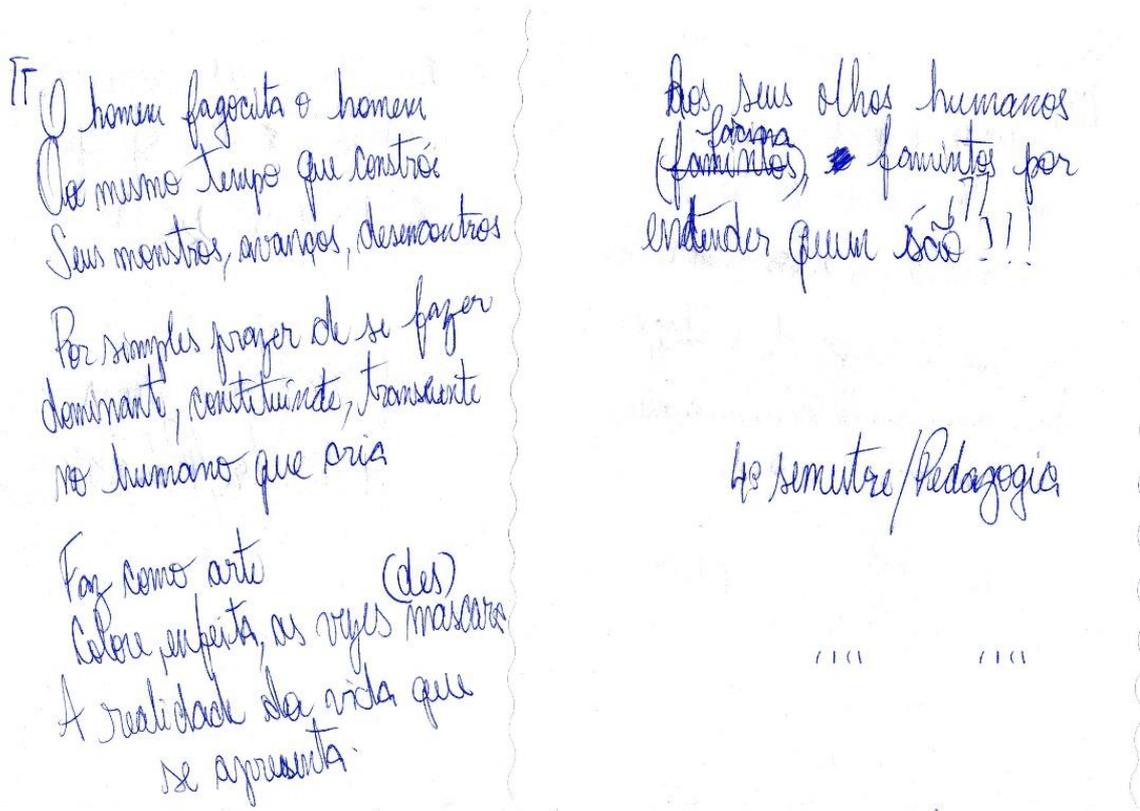


Figura 4 (frente e verso) – Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

Através da fala e dos escritos deste estudante, que cria poesia com as palavras que o vídeo lhe suscita, percebo a força transformadora que tem o diálogo e a escuta quando postos em prática nas relações humanas mediadas pela arte. Que consciência é esta que se dá conta dos avanços e desencontros do homem, das relações de dominação, mas também das possibilidades de colorir e enfeitar a vida?

É certamente uma consciência crítica (revolucionária?), que se permite a busca “*entender quem são*” e se permite a criação, não estando, portanto, num estado de acomodação. Sua fala seguiu depois do texto usando palavras como *consciente, inconsciente, construção, transformação, fragmentada, resistência*, elementos de memória também ganharam a palavra. Isso reforçou em mim, a ideia da potencialidade da experiência “à medida que estabelece a relação da singularidade à universalidade, entre a própria experiência e a palavra e a experiência e a palavra do outro, entre texto e contexto, entre sujeito e mundo” (MACHADO, 2011, p.112) e reitera:

É pelo diálogo que nos permitimos conhecer; eis, portanto, o esforço da pedagogia em, orientada pelo diálogo, construir processos inovadores que, enquanto dialógicos, permitam a construção de homens e mulheres autônomos. Sujeito e diálogo: os dois princípios de uma pedagogia libertadora (MACHADO, 2011, p.112).

Outro estudante fez um interessante esquema que o espelha como sujeito do seu conhecimento, refletindo sobre sua existência, construindo sua consciência crítica na busca, na pergunta e de forma criativa. Lembro então do pensamento de Freire (1996, p.65) quando escreve que “Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida”. Eis o que o estudante registrou:

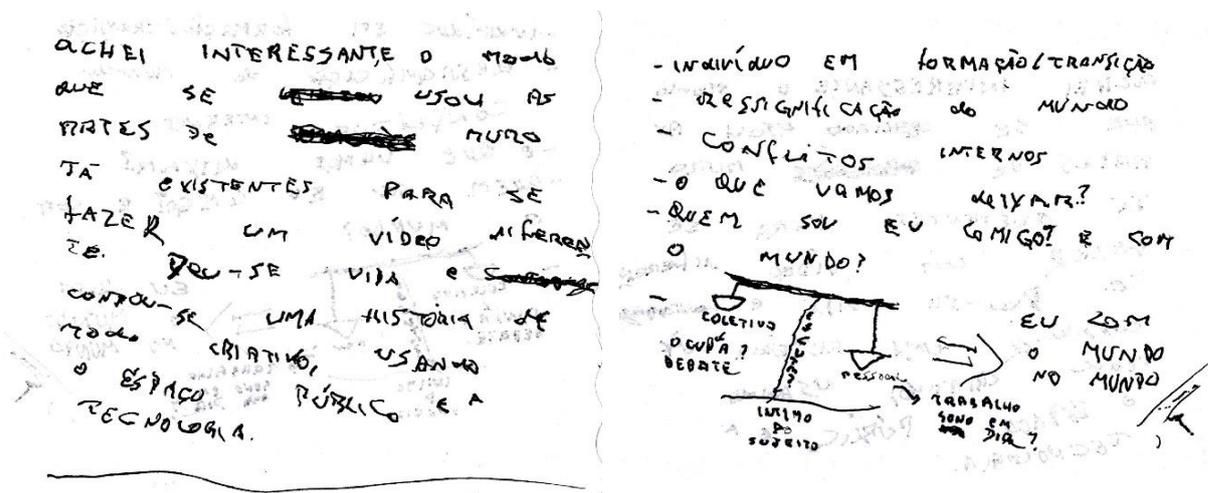


Figura 5 (frente e verso) - Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

Quando ele escreve “Quem sou eu comigo? E com o mundo?”, “Conflitos internos”, “Ressignificação do mundo”, “O que vamos deixar?”, mostra a consciência de si, como ser inacabado, em permanente busca, tal qual a educação como

processo permanente de aprender e de ensinar. “*Deu-se vida*”, vida da arte, vida ao muro, vida aos personagens. Vida como possibilidade, ainda que apenas possibilidade de imaginar. Vida é também ocasião de criação e através desse espaço de mediação com a arte, torna-se lugar de recriação de novos olhares, sobre a arte, sobre a sociedade e sobre si. Um olhar vivo, um olhar que pensa e pensa junto. Como nos incita Eduardo Galeano (2016), em sua crônica:

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– *Me ajuda a olhar!*



Figura 6 - In: GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços (2016, p. 15).

5. TEMPOS DE SABER E CONSCIÊNCIA

[...] é que toda investigação temática de caráter conscientizador se faz pedagógica e toda autentica educação se faz investigação do pensar. (FREIRE, 1987, pg. 58).

Depois da dúvida e das perguntas. Me dou conta do que é ser professor a partir da minha vida de trabalhadora, em que, se eu não penso criticamente esse lugar, vou fazer praticamente a mesma coisa: seja no *shopping* onde comecei, por que eu

só existia na medida em que a mercadoria se vendia, seja no bar, onde só sou visível na medida em que eu sirvo e sirvo bem. E da mesma forma na escola, assumindo o lugar de invisível²¹ dentro da educação, onde era aquela profissional “bem-comportada” e submissa. Essa formação como força de trabalho, mera mercadoria serve a quem? Essas professoras althusserianas (reprodutoras), acomodadas, não são as que reclamam também que são desvalorizadas, que o salário está baixo? Mas que esforço elas fazem para ver que qualquer coisa que elas mesmas façam pode mudar a relação que têm com esse mundo do trabalho, que não permite que elas sejam valorizadas ou tenham melhores salários? É só na situação concreta que me dou conta.

O desenvolvimento da consciência do educador confere sentido à sua prática (SILVA, 1992). Se é na concretude da prática, que me dou conta dos lugares de onde os sujeitos falam, das relações de classe e de poder que permeiam a vida em sociedade e o mundo do trabalho, que movimento é esse que me permite o questionamento? Que movimento me faz buscar por sentidos?

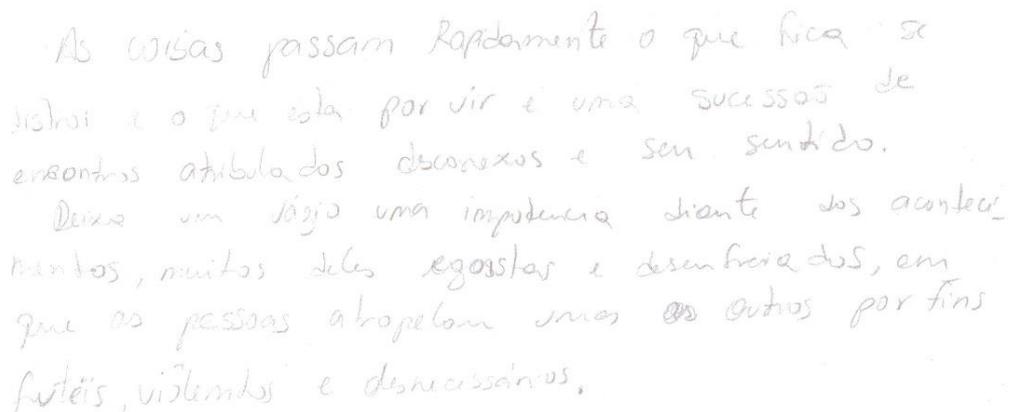
Jefferson da Silva enfatiza a importância da formação política do educador escolar enquanto uma *“tomada de partido” diante da ambivalência da prática pedagógica (a favor ou contra os trabalhadores, a favor ou contra o dominante) ...* (1992, p. 65). Sendo o estreito relacionamento com a classe trabalhadora (e como classe trabalhadora) o primeiro pressuposto desta formação política. Em seus escritos, o autor fala de três tipos de consciência. A **consciência romântica** dos educadores, ligada à uma visão de formar o homem, que se justifica por uma “vocação” religiosa ou social; A **consciência sindical e profissional** onde o trabalho do ensino é símbolo da divisão do trabalho entre manual e intelectual, aqui há uma aproximação com os trabalhadores da produção; E a **consciência política** dos educadores que participa da consciência de classe dos trabalhadores, é a compreensão da necessidade de uma mudança radical. E acrescenta que “(...) a formação pedagógica, sem a política, desvia o educador dos rumos de sua ação e o condena à atrofia social e a ser simplesmente instrumento da manipulação dominante” (SILVA, 1992, p. 73).

A busca por sentidos que envolve um percurso de libertação para a transformação da realidade de homens e mulheres em protagonistas de suas histórias, compreende no pensamento de Paulo Freire, uma saída do senso comum

21 O termo invisível neste texto, é usado na perspectiva gramsciana, como sinônimo de “subalterno”.

para alcançar o senso crítico. Essa aprendizagem de aprimorar a compreensão do mundo passa por estados de consciência, por conscientização.

Segundo Freire, existe a **consciência acrítica, intransitiva**. É aquela em que o ser humano apresenta uma percepção limitada da realidade, onde o presente opressivo o deixa impotente para agir, não se faz sujeito protagonista, se resigna e não vê no futuro perspectiva de mudança. Este tipo de consciência é garantida no fatalismo e assujeita-se à ordem social vigente de maneira acomodada, alienada e oprimida em sua extrema condição. O registro da estudante abaixo não estaria relacionado com este estado de consciência, quando ela diz que “Deixa um vazio uma impotência diante dos acontecimentos” e que “as pessoas atropelam umas às outras por fins fúteis, violentos e desnecessários.”? Em seu relato não vemos nenhuma perspectiva de mudança, de superação, o que ela captou do vídeo foi uma realidade opressora:

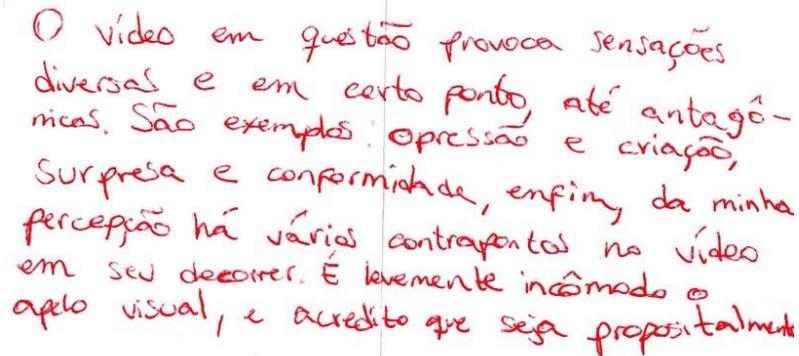


As coisas passam rapidamente o que fica se
 achos e o que está por vir é uma sucessão de
 encontros atibulados desconexos e sem sentido.
 Deixa um vazio uma impotencia diante dos aconteci-
 mentos, muitos deles egoistas e desenfreados, em
 que as pessoas atropelam umas as outras por fins
 fúteis, violentos e desnecessários.

Figura 7 - Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

Na **consciência ingênua** o sujeito apresenta certa capacidade de questionar a realidade vivida, identifica-se com a classe a que pertence e começa a rejeitar estruturas opressoras, a existência da exploração e a presença de dominantes e dominados. É uma consciência “em fase de transição para a consciência fanatizada ou para a consciência crítica, dependendo da maneira como ela é admitida, assumida, encarada e trabalhada em processos educativos e fora deles” (CORREIA, 2008, p. 58). O tempo da transição vai resultar em opções onde o indivíduo vai ficar preso a velhos valores ou partir em busca de possibilidades de reconstrução, do novo. Nessa consciência transitivo-ingênua, se faz fundamental o lançamento ao

diálogo e o debate, pois mesmo que o sujeito perceba as oposições das estruturas sociais, ainda não vê modos de superação, está presente no registro da estudante abaixo:



O vídeo em questão provoca sensações diversas e em certo ponto, até antagônicas. São exemplos: opressão e criação, surpresa e conformidade, enfim, da minha percepção há várias contradições no vídeo em seu decorrer. É levemente incômodo o apelo visual, e acredito que seja propositalmente

Figura 8 - Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

O estado de consciência seguinte, pode ser a **consciência fanatizada**, marcada pela incapacidade do sujeito de *práxis*. O portador dessa consciência impõe a verdade pessoal sobre os demais, inclusive de forma violenta, não há lugar para diálogo ou consenso e o que prevalece é uma acomodação ao *status quo* e a manipulação de ideias. Os opressores capitalistas são exemplo disso, com suas visões fechadas e condicionadas em torno do lucro, acumulação, competitividade e consumismo. Depois de passar pela consciência ingênua, se o indivíduo escapa ao fanatismo, é possível que alcance a **consciência crítica**, que possibilita uma profunda percepção da realidade, compreensão das relações de poder e a existência de dominantes e dominados, com isso o sujeito se vê comprometido a agir para transformar. O sujeito crítico está aberto ao diálogo e à reflexão e nesse processo de aquisição da criticidade, que envolve ensino e aprendizagem, a curiosidade deve ser uma ação. É a curiosidade indagadora e rigorosa de que Paulo Freire fala:

O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente 'perseguidora' de seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se 'rigoriza', tanto mais epistemológica ela vai se tornando (FREIRE, 1996, p. 97).

Nesse exercício de ser curioso, encontramos no pensamento da estudante registrado na figura abaixo, suas impressões sobre a videoarte, traduzidas em forma de pergunta. Ela não se limitou ao figurativo ou ao simbólico das imagens e sons,

avançou. Através de suas indagações nota-se a presença do sensível se relacionando com a realidade concreta, com o mundo contemporâneo. “Ocupar determinado espaço é torná-lo vivo?” Assim, perguntando, ela produz e atua de si, para si e com os Outros:

Espaços vivos
 Que espaço queremos?
 Quais espaços queremos?
 Todos, alguns?
 Como queremos eles?
 O que pretendemos?
 O que entendemos por espaço?
 E, o que entendemos e considera-
 mos ou não, o vivo ~~de~~ não vivo?
 Ocupar determinado espaço e
 torná-lo vivo?
 Como torná-lo?
 Já é vivo? O que é vida?
 Na vida tem movimento?
 Esse movimento tem cor?
 Tem cheiro?
 Tem?
 Sentido?
 ;
 ;

Figura 9 - Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

Problematizar o vivido, na educação, é compreender os motivos históricos, políticos e sociais que contribuíram para o quadro conjuntural que nossa sociedade vive hoje. É vislumbrar formas criativas e transformadoras de agir para construir uma nova história. A ampliação da busca por uma consciência crítica, através da curiosidade, possibilita a superação do estado de senso comum.

Outros autores também trazem conceitos e tipos de consciência como Dermeval Saviani, que ao analisar a estrutura e sistema educacional brasileiro, fala da *necessidade de uma Análise da Estrutura do Homem*, sendo estruturas fundamentais: a situação, a liberdade e a consciência. O autor conceitua consciência como “aquilo que possibilita ao sujeito uma apresentação das coisas tais como são” (SAVIANI, 2008, p. 59). E ainda, distingue dois tipos de consciência: a irrefletida ou espontânea e a refletida ou tematizada.

Mauro Luís Iasi também discorre sobre o assunto, ele fala em *processo de consciência* como um movimento dialético, que traz elementos de superação e contradição, afirmando “que só é possível conhecer algo se o inserirmos na história de sua formação, ou seja, no processo pelo qual ela se tornou o que é, assim é também com a consciência, ela não “é”, “se torna”” (IASI, 1999, p.14). A **primeira forma de consciência** segundo Iasi, *une desordenada e contraditoriamente elementos de senso comum e instituições de um pensamento crítico*, apresentando-se como alienação por que naturaliza os fatos da realidade. Antonio Gramsci chama isso de senso comum e afirma:

Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas, e intuições de uma futura filosofia que será própria do género humano mundialmente unificado (GRAMSCI, 1978, p.12).

Tais processos são repletos de contradição entre ideias e a realidade concreta, especialmente marcadas na sociedade capitalista pelo desenvolvimento das forças produtivas em dissonância com as relações sociais. A primeira manifestação de contradição é uma forma transitória manifestada no estado de revolta. As relações são menos vividas como idealizadas e mais como injustas, “existe a disposição de não submeter-se, no entanto ainda aparecem como inevitabilidade: “sempre foi assim”” (IASI, 1999, p.32).

A **segunda forma de consciência**, pode ser o início da superação da alienação. Aqui, pressupõem-se a vivência de grupo, vendo no outro sua própria contradição. A revolta antes vivida de forma internalizada e subjetiva, possibilita ação coletiva, uma vez que a injustiça se reflete como identidade de grupo. As relações naturalizadas começam a ser questionadas e surge a mobilização:

É a chamada consciência em si, ou consciência da reivindicação. A forma mais clássica de manifestação desta forma de consciência é a luta sindical, sua forma de organização mais típica é o sindicato, mas podemos incluir nesta forma, as lutas populares, os movimentos culturais, o movimento de mulheres e outras manifestações de lutas coletivas de setores, grupos e categorias sociais das mais diversas (IASI, 1999, p.35).

A contradição da segunda forma de consciência é, porém, uma consciência que se baseia na vivência imediata. Ela é fundamental na superação da alienação, mas ainda reproduz o mecanismo do capital, pois quando reivindica algo (melhores

salários e condições de trabalho por exemplo), o faz a alguém, sendo o outro detentor dessa realização. Não é mais submissão, é inconformismo, mas tem suas limitações. Quando os trabalhadores se unem através de sindicato para realizar uma greve e suas reivindicações são atendidas, é mais fácil perceber tais limitações, pois os mesmos retornam ao trabalho de antes e “Estão novamente aptos a revalidar as relações de exploração, o trabalho alienado, ou seja, o próprio capitalismo”. Ou seja, ainda que tendo a consciência da contradição fundamental entre a produção social e a acumulação privada e percebendo sua força como classe, “o proletariado nega o capitalismo afirmando-o” (IASI, 1999, p.38).

O autor destaca que neste processo, cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções a outras e vive subjetivamente a trama de relações que compõem sua visão de mundo:

Acreditamos que a partir da diversidade de manifestações particulares podemos encontrar nitidamente, uma linha universal quando falamos em consciência de classe.

Esta consciência não se contrapõe à consciência individual, mas forma uma unidade, onde as diferentes particularidades derivadas do processo próprio de vida de cada um sintetizam pois, sob algumas condições, um todo que podemos chamar de consciência de classe. (IASI, 1999, P. 14).

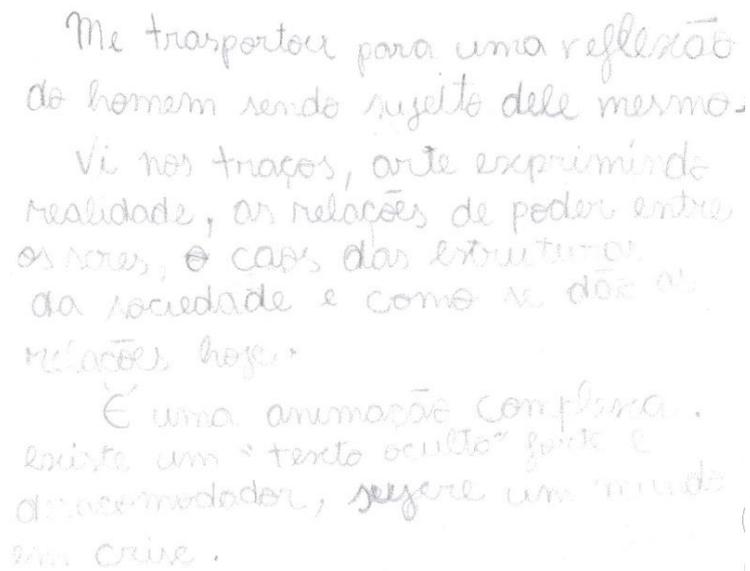
Sendo assim, nesta etapa de consciência pode haver regressão até etapas anteriores (quando há submissão), estagnação (quando questiona passivamente), mas pode haver também a superação, levando o indivíduo a outro nível do processo de consciência.

Na busca por saber como funciona a sociedade, que relações estão implicadas nela, constata-se a necessidade de transformá-la e de saber como transformá-la. O sujeito passa a se importar não apenas com os efeitos e aparências, mas com as causas e essências. Não apenas com as vivências imediatas, mas com as histórias de outras classes, de outros grupos em espaços e tempos diferentes do mundo. É o surgimento do “sujeito coletivo e histórico como agente da transformação necessária” (p.41). Portanto, na luta por mudança, por uma **consciência revolucionária**:

(...) não basta o proletariado assumir-se enquanto classe (consciência em si), mas para além de si mesmo (consciência para si). Conceber-se não apenas como um grupo particular com interesses próprios dentro da ordem capitalista, mas colocar-se diante da tarefa histórica da superação desta ordem (IASI, 1999, p.38).

Sobre a consciência revolucionária há uma significativa contradição. O processo de consciência é individual, mas para a realização dessa transformação, é necessário um movimento social, coletivo. Essa mudança se dá de forma irregular e singular entre os sujeitos, podendo gerar uma dissonância entre o indivíduo e sua classe, assim como conflitos internos. A bagagem cultural, psíquica, as estruturas previamente internalizadas, cobram da pessoa certa postura e a dimensão que assume esse estado de consciência exige outra, exige ação prática. Em meio a esse conflito, é possível que o sujeito se sinta impotente ao deparar-se com as condições objetivas das normas fixadas e é por essa contradição que muitos desistem de seguir, não transpondo a temporalidade dos limites próprios.

O registro do estudante a seguir, mostra um pouco isso, o “homem sendo sujeito dele mesmo”, mas “o caos das estruturas da sociedade” o impede de transformar esse “mundo em crise”:



Me transportou para uma reflexão do homem sendo sujeito dele mesmo. Vi nos traços, até exprimindo realidade, as relações de poder entre os seres, o caos das estruturas da sociedade e como se dão as relações hoje.

É uma animação complexa. Existe um "texto oculto" forte e desconfortável, sugere um mundo em crise.

Figura 10 - Registro de estudante acerca da apreciação do vídeo. Fonte: Banco de dados da Pesquisa. 2016.

É preciso acreditar em um agir para transformação na esperança da mudança, na esperança de uma sociedade menos desigual socialmente. Superando constantemente e insistentemente as contradições individuais e de classe num esforço para se conceber como sujeito coletivo e histórico, enxergando a potencialidade dessa concepção.

Como anteriormente exposto, quando busco na minha subjetividade, a relação entre a formação no ensino superior, o mundo do trabalho e a constituição de um

pensamento questionador através da arte, penso que estou expressando estes movimentos de superação e contradição da consciência sobre os quais Iasi discorre. O autor busca suporte em diferentes pensadores como Gramsci, Marx e Freud para explicar a formação, representação e desenvolvimento do processo de consciência como uma interiorização das relações vividas pelos indivíduos.

Conversando com diferentes autores, concebo *consciência* como algo em constante movimento, não de forma ascendente, regular ou simétrica, mas como um processo que hora é de superação, hora é de contradição. Quando pergunto, o que faz com que algumas estudantes participem para além da aula formal, valorizando e reconhecendo outros espaços de formação, encontro nas cinzas e degradês da consciência as respostas. São relações focadas nos indivíduos, que se ampliam ao coletivo. Quem se envolve e protagoniza, faz parte desse “algo em movimento”, que é inacabado e sempre possível, pois está comprometido com o fazer. Lembro aqui, das palavras do Professor Ernani Maria Fiori, no prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, o qual diz que “a conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso.” (1987, p.5).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da falta (de participação e protagonismo das estudantes), reflito sobre minha trajetória no Curso de Licenciatura em Pedagogia, sobre as aprendizagens construídas e desconstruídas pelo caminho percorrido. Atento para o contexto que me envolve, que me impulsiona a reflexões mais profundas sobre trabalho, educação, sujeitos (individuais, sociais, políticos). Percebo então, a condição marcante do trabalho (primeiro como “problema” que se opõe ao estudar, depois como “problematizador” que me faz questionar esse lugar) e a influência das experiências que contribuíram para a desacomodação, para a reflexão (formação, participação, diálogo, arte).

No movimento de afastamento do mercado de trabalho e aproximação do estudo: amanhece a pergunta. Por conseguinte, a transposição no meu problema de pesquisa: da falta à presença. A formação, somente através da sala de aula não deu conta dos muitos nuances que permeiam os processos de participação. Foi necessário unir a concretude das vivências, os estudos e a reflexão para realizar

este diálogo. A crítica, que implicitamente joga suas luzes ao longo deste trabalho, reside em nossa própria formação de professores, na qual boa parte dos docentes e discentes não faz a reflexão política, deixando de apropriar-se portanto, das relações entre o desenvolvimento e superação dos processos de consciência e o contexto social mais amplo.

As imagens dos registros recolhidos evidenciam que os grupos se constituem de indivíduos que interpretam de diferentes formas a mesma produção audiovisual. Os quais também se encontram em divergentes estados de consciência. O diálogo como parte do processo para a concretização de um tipo de formação (humana, política), de sociedade, de mundo, é ferramenta fundamental para conhecer as subjetividades, que postas em ação coletiva, são capazes de atuações transformadoras. Diálogo para questionar e construir. Considero ainda, que apesar das limitações de tal proposta, é possível perceber a necessidade desses espaços de mediação, de escuta, de livre expressão, onde possam aflorar as inquietações, os medos, os saberes, os pensamentos poéticos e as potencialidades de cada indivíduo, aproximando-nos como coletivo.

Me parece relevante considerar neste ponto, duas questões. A primeira, é que a apropriação coletiva do saber, através de relações de horizontalidade dialógica como um meio que possibilite a construção desses espaços de participação na formação acadêmica e para além desta, acontece no desenvolvimento da emancipação do sujeito, que tem por extensão a emancipação política. Ambas, propulsoras de mudança. A segunda consideração, é que, para além de minhas práticas como trabalhadora e de “rever” minha trajetória, este trabalho foi concebido na provisoriade do presente e pensar em processos, tipos ou estados de consciência, de conscientização foi uma experiência que me permitiu ler o mundo no contexto concreto, em relação com o próprio conhecimento, expandindo minha visão do imediato para uma totalidade histórica que se conecta e conversa com a subjetividade do Outro.

Não há a pretensão de dominar conceitos aqui, mas dentro do tempo e dos recursos que eu tinha disponíveis, foi a forma que encontrei de produzir sentidos para a minha formação, para a *nossa formação* de professores. Que não pode ter equivalência apenas com as teorias e técnicas de ensino, mas que precisa ser uma formação de práxis, de reflexão e escuta, de uma constante inquietação que estimule o desenvolvimento de nossas consciências, e que, através de nossas

vivências, resgates de memória, observação, mediação da arte e tantas outras possibilidades de interação com a aprendizagem, possamos compreender significativamente os processos e práticas educativas com os quais nos envolvemos, nos comprometendo com fazeres transformadores.

Assim, aproximando dúvidas e interesses pessoais à processos sociais complexos, este trabalho é fruto daquilo que se fez possível. Eis que alcanço um fruto, uma hipótese: a arte unida ao diálogo e à crítica, tornam potentes os sujeitos dispostos e para estar disposto é preciso consciência. Quem fica, fica por que está sensibilizado, está indignado, está curioso. Ainda que as motivações pessoais sejam subjetivas e os estados de consciência distintos. Todavia, quem fica, não está passivo, não está indiferente, não está submisso. Está presente. É um movimento que leva à dúvida, à pergunta e, o exercício da curiosidade, somado ao exercício da pergunta, remete à indignação da resistência.

A resistência como parte do processo precisa de uma potência, do contrário, desaba, por que não é fácil. A arte mediando o diálogo entre os sujeitos, sensibiliza, provoca e impulsiona os sujeitos à luta, à renitência dos que participam e reagem. Por que tem que ser forte e propositor senão esvazia. Penso então, em educação/formação para consciência, consciência para a dúvida, duvidar para imaginar/criar, criar para resistir, resistir para seguir, seguir para mudar e mudar porque precisamos. Precisamos de uma formação emancipadora acrescida de novos saberes e fazeres, pois quando nos dispomos a saber, concordamos que isso é possível. E acreditar no possível é como aquele nuance de luzes no alvorecer de um novo dia.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Estanislao. Paradoxos da pedagogia e da política. In: SILVA, Luiz Heron da (Org.). **SÉCULO XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Editora Vozes, 1999. P. 225-232.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, pp.296-331.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 nov. 2016.

COHN, Greice. **Pedagogias da videoarte: a experiência do encontro de estudantes do colégio pedro ii com obras contemporâneas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. 397 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CORREIA, Wilson. Práxis pedagógica na filosofia de paulo freire: um estudo dos estádios da consciência. **Trilhas Filosóficas**, Rio Grande do Norte, ano 1, n. 1, p. 55-66, jan/jun. 2008. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/15/15>. Acesso em: 25 nov. 2016.

CUNHA, Maria Isabel da et al. O espaço de formação da docência universitária em programas de pós-graduação em educação na perspectiva de egressos. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional**. Brasília, DF: Junqueira&Marin, 2010. P. 175-207.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Formação e autoformação: uma discussão sobre memórias, histórias de vida e abordagem autobiográfica**. n.2, São Paulo, ago./dez. 2009. p. 22-36. v. 2. Disponível em: http://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/3_duran.pdf. Acesso em: 28 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Tradução de Adriana Lopez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/MedoeOusadia.pdf>. Acesso em 30 nov. 2016.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

GUARESCHI, Neuza Maria. Resistência: uma categoria em discussão. In: HYPOLITO, Álvaro M.; VIEIRA, Jarbas S.; GARCIA, Maria Manuela A. (orgs). **Trabalho docente: formação e identidades**. Pelotas: Seiva, 2002. P. 43-65.

HOFF, Mônica. **Tecnologias caseiras: arte e educação como espaços para a invenção de inéditos-possíveis**. Porto Alegre, 2013. 6 f. (Texto digitado).

IASI, Mauro Luis. **Processo de consciência**. São Paulo: CPV, 1999. Disponível em: <http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Iasi,%20Mauro/Processo%20de%20consciencia.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2016.

LANDOWSKI, E. *Interacciones arriesgadas*. Lima: Fondo editorial de la Universidad de Lima, 2009.

LOPES, Ivana Maria Nicola. *Você tem sede de quê? Você tem fome de quê? A urdidura que sustenta a construção de uma ideia*. In: RIBEIRO, Jorge Alberto Rosa; RIBEIRO, Marlene (orgs.). **Redes de pesquisa: trabalho, movimentos sociais e educação**. – Porto Alegre: Itapuy, 2011. P. 251-256.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Pedagogia do sujeito coletivo: o diálogo como princípio metodológico e o sujeito como princípio epistemológico. In: RIBEIRO, Jorge Alberto Rosa; RIBEIRO, Marlene (orgs.). **Redes de pesquisa: trabalho, movimentos sociais e educação**. – Porto Alegre: Itapuy, 2011. P. 108-115.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**; tradução Luiz Carlos Bombassaro. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. – Campinas, SP: Autores Associados. – (Coleção polêmicas do nosso tempo), 2012.

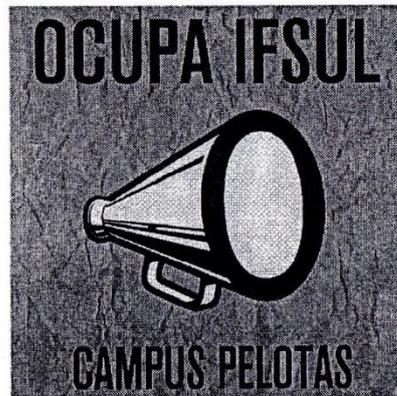
SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. 10^a. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Jefferson Ildfonso. da. **Formação do educador e educação política**. São Paulo : Cortez, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed., 8 OITAVA reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TAVARES, Elen Machado; CUNHA, Marion Machado; PURIN, Paola Cardoso. Da desnaturalização do hábito à estesia necessária à indignação. In: RIBEIRO, Jorge Alberto Rosa; RIBEIRO, Marlene (orgs.). **Redes de pesquisa: trabalho, movimentos sociais e educação**. – Porto Alegre: Itapuy, 2011. P. 243-250.

ANEXOS

ANEXO A – Panfleto Ocupa IFSUL**As motivações da ocupação são:**

- ✓ A **PEC 241** que congela o investimento na saúde e educação por 20 anos.
- ✓ A **PLS 193/2016**, programa Escola Sem Partido, que proíbe o diálogo político dentro da sala de aula, o que é muito importante para formação de pensamento crítico.
- ✓ Reforma do **Ensino Médio**.
- ✓ E o **golpe de estado** imposto atualmente no Brasil.

ANEXO B – Panfleto Alicerce

facebook.com/alicercers

+ DE **1200** Escolas
60 Institutos Federais
120 Universidades

**OCUPAMOS
 BRASIL**

**CONTRA
 A PEC 55**

POR NOSSOS DIREITOS JÁ!

11
 SEXTA

**Grande Marcha
 NÃO À PEC 241/55
 FORA TEMER**

— PEC 55 - 20 ANOS DE —
CORTES E CONGELAMENTOS

Com a desculpa de ajustar as contas públicas, a PEC 55 do Governo Temer propõe congelar por 20 anos os investimentos em serviços públicos essenciais para o povo que batalha, como saúde, educação e assistência.

A PEC é a porta de entrada para o aumento da retirada de direitos e do arrocho salarial.

Todo o nosso povo está sendo atacado. Querem nos fazer trabalhar até a morte e em condições precárias.

GOVERNOS E EMPRESÁRIOS QUEREM QUE O POVO PAGUE PELA CRISE

CHEGA DE SUFOCO
 QUE OS RICOS PAGUEM A CONTA

PELA TAXAÇÃO DE GRANDES FORTUNAS
 FIM DAS ISENÇÕES PARA EMPRESAS, BANCOS E IGREJAS
 SUSPENSÃO DO PAGAMENTO E AUDITORIA DA DÍVIDA PÚBLICA JÁ!

**PRECISAMOS RESISTIR
 COLETIVAMENTE**

Venha conversar com a gente!

10/11

**A PEC do
 Fim do
 Mundo**



18:30 | SIMPA

Impactos da PEC 241 (PEC 55)

R. João Alfredo, 61 - Cidade Baixa

ANEXO C – Panfleto Esquerda Diário e FAÍSCA

Agora é a hora de ocupar as ruas para ganhar a população contra os ataques de Temer!

Já somos quase 40 cursos ocupados na UFRGS. Brasil afora temos mais de cem universidades e centenas de escolas ocupadas. A primeira universidade privada também foi ocupada pelos estudantes, a PUC de Minas. Já somos o maior movimento de ocupações estudantis da história do país! O movimento de resistência aos ataques de Temer está crescendo na medida em que se torna cada vez mais insustentável a aplicação da PEC 241 (55). E agora, o que fazer com as nossas ocupações para avançar na luta?

Tomar as ruas é necessário! A exemplo dos trabalhadores da universidade na última terça, e dos estudantes da PUC na segunda, tomar as ruas com manifestações e panfletagens nos coloca em diálogo com a população, e possibilita que o conjunto dos trabalhadores sejam ganhos para a causa. A única maneira de barrar os ataques de Temer e do STF (PEC, MP do ensino médio, reforma da previdência, reforma trabalhista, cláusula de barreira, etc...) é se aliando aos trabalhadores. O governo reprime o movimento por um lado e cria um bloqueio midiático por outro. Furar este bloqueio é imprescindível!

Nesse sentido o movimento de ocupações pode contribuir em muito. Saindo às ruas, levando nossas bandeiras para a população, mostrando a todos o que queremos com a nossa luta, é um caminho nesse sentido. A classe trabalhadora não entrou em cena com peso contra os ajustes pois as centrais sindicais vêm dando trégua ao governo. Isso tudo porque o petismo, que controla a maior parte dos sindicatos e movimentos sociais, possui o objetivo estratégico de se utilizar dessa luta para desgastar Temer com o intuito eleitoral de eleger Lula ou outro governante em 2018, e não levar a luta até o final. Não podemos deixá-los sequestrar a nossa luta, pois de nada vale mudar o jogador se não mudamos as regras do jogo.

Como nós da Faísca viemos afirmando na ocupação do IFCH, a ocupação não pode girar em torno de si mesma, fechada para os trabalhadores, ela deve avançar para além dos muros da universidade. Uma das coisas que devemos fazer é nos aliar aos servidores da

UFRGS que iniciaram sua greve agora nesse dia 8, também contra a PEC, e golpear com um só punho o governo Temer. Uma proposta que podemos fazer é fazer arrastões pelo campus do vale, aglomerar o maior número de estudantes possível, a fim de fechar a Avenida Bento Gonçalves. Uma outra proposta seria os cursos de comunicação e saúde fecharem a Av. Ipiranga e os do centro as avenidas por perto.

O dia 11 também será um dia de luta nacional. Está sendo chamado um dia de paralisação nacional contra os ataques, em especial em referência à luta contra a PEC do fim do mundo. Aí está uma oportunidade de sair às ruas unificados nesse dia. Às 18h vai haver a concentração na esquina democrática. Mas vamos ao dia 11 sem nenhuma ilusão de que as burocracias estão organizando a resistência seriamente. A última paralisação nacional que teve em Porto Alegre, por exemplo, a CUT e a CTB organizaram trancamento das garagens sem a participação dos trabalhadores, de cima para baixo. Não se trata disso que queremos, e sim ganhar a população e os trabalhadores para o nosso lado.

Uma outra questão a ser levada em conta é a repressão. Em diversos estados está ocorrendo uma forte ofensiva contra as ocupações. Em SP foram várias as escolas que reintegradas sem mandado (e que algumas estão sendo reocupadas em seguida). O mesmo no Paraná, onde Beto Richa alegou a necessidade de se utilizar da força policial para desocupar as escolas. A história do juiz que propôs tortura psicológica aos estudantes é absurda e inaceitável. A PUC-MG teve tentativa de reintegração, mas conseguiram barrar. Temos o direito de protestar e lutar contra esse trator de retirada de direitos. Nesse sentido é necessário que o movimento preste solidariedade aos estudantes que vêm sofrendo repressão e lute também contra a repressão da polícia e dos governos em defesa da nossa livre manifestação.

O Esquerda Diário está a serviço dessa luta. Mande seu relato, denúncia, video e declarações para nós que publicamos no nosso site.

Conheça a Faísca - Anticapitalista e Revolucionária!



ANEXO D – Panfleto Alicerce Juventude

DIREITOS JÁ!

UNIDADE NA LUTA PARA ENFRENTAR OS AJUSTES.

Enquanto a mídia exalta as olimpíadas como se após o golpe político o país estivesse no caminho certo, o governo Temer mostra que, diferente do discurso, a crise existe e estão pensando a saída para mesma, às custas das e dos trabalhadores. Acelerando a implementação do pacote de ajustes que o PT já vinha colocando em prática, mas era incapaz de fazer com o ritmo e estabilidade necessários, estão em curso mais de 50 medidas que, se aprovadas, retiram direitos trabalhistas, desmontando o serviço público como a PL 257 e 248, ampliando a terceirização e aumentando o tempo para aposentadoria para mais de 80 anos.

Além do amplo ataque aos nossos direitos, o desemprego tem sido uma sombra na vida de muitos trabalhadores. Especialmente sobre a juventude, recai em mais de 13% da mesma, que quando acessa o trabalho é através dos postos mais precarizados, fomentando uma juventude sem perspectiva de futuro.



Se o pessimismo prevalece nas avaliações, o otimismo vence na vontade de resistir e lutar! As ocupações das escolas que chegaram a centenas aqui no RS, assim como as importantes greves da educação em todo Brasil e também aqui em Porto Alegre, a greve dos municipais e ocupações por moradia tem demonstrado o caminho: resistir, ocupar o que é nosso e coletivamente construir a luta daqueles que vivem do trabalho. A unidade no período é necessária no marco do enfrentamento a esses projetos e é por isso que saudamos a formação da Frente de Esquerda em diversas cidades, fortalecendo uma alternativa das e dos trabalhadores para o período.

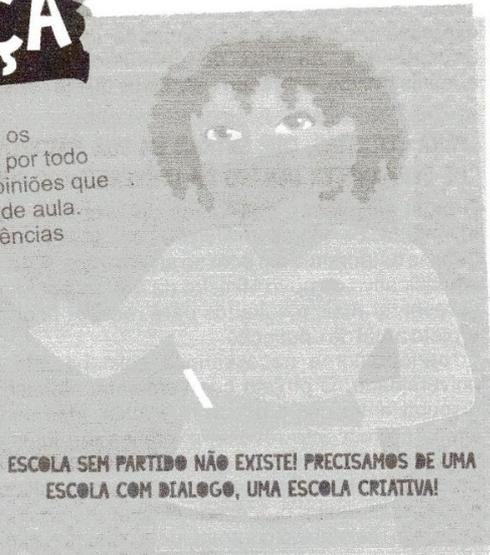
De um lado os ataques e do outro a luta daquelas /es que afirmam que queremos nossos DIREITOS JÁ! E sabemos que para isso já não há meios caminhos, é a luta organizada e coletiva nos espaços de estudo,

trabalho, moradia, lado a lado pensando a solução das nossas demandas do hoje que muda a vida!

ABAIXO À LEI DA MORDAÇA

O projeto escola sem partido é uma mentira, o que os diversos projetos de lei da mordaza em tramitação por todo país procuram é limitar os temas debatidos e as opiniões que podem ser expostas por educadoras/es nas salas de aula. Em todas as esferas da vida social existem divergências de diversas matizes. Uma escola "Sem Partido" só serve para deixar os debates escolares na mão de um punhado de pessoas e do que consideram correto. Temos de estar na Luta por uma escola que nos ensine a exercer a construção coletiva, isso só é possível com debate. E esses só são possíveis com troca de experiências e opiniões entre toda a comunidade escolar.

ESCOLA SEM PARTIDO NÃO EXISTE! PRECISAMOS DE UMA ESCOLA COM DIALOGO, UMA ESCOLA CRIATIVA!



ANEXO E – Jornal Jornalismo b

Nº 112 - Porto Alegre, outubro de 2016 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

jornalismo B

jornalismob.com | twitter.com/jornalismob | facebook.com/jornalismob



Com PEC do congelamento, entrega do pré-sal, reforma do ensino e outras medidas, governo Temer ameaça direitos e serviços públicos.

Páginas 3, 4, 5 e Editorial

“O que me move é a indignação diante das injustiças”

Entrevista com Fernanda Melchionna

Páginas 6, 7 e 8

*O difícil cenário pós-eleitoral
em Porto Alegre*
Página 9

*Carroceiros em luta pelo
direito de trabalhar*
Página 10

*A derrota ideológica
derrubou a ex-esquerda*
Página 11

ANEXO- Jornal ANDES SN (capa)

ANDES
SINDICATO NACIONAL
CSP - CONLUTAS

SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR - ANDES-SN

InformANDES

Informativo
Nº 63
Brasília (DF)
Outubro de 2016

Contrarreforma do Ensino Médio: educação a serviço do capital

A Medida Provisória 746/2016, encaminhada pelo governo federal no final de setembro ao Congresso Nacional, promove a contrarreforma do Ensino Médio, reforçando o desmonte da educação pública no país. As mudanças pretendem retirar do currículo obrigatório disciplinas que contribuem para a formação do estudante enquanto indivíduo social, retomando o caráter tecnicista da educação, voltado apenas para a formação de mão de obra para o mercado. Além disso, terá sério impacto na oferta e estrutura dos cursos de licenciatura, e ainda permitirá que pessoas sem formação específica e conhecimento pedagógico ministrem aulas em escolas públicas e privadas. **8 a 11**



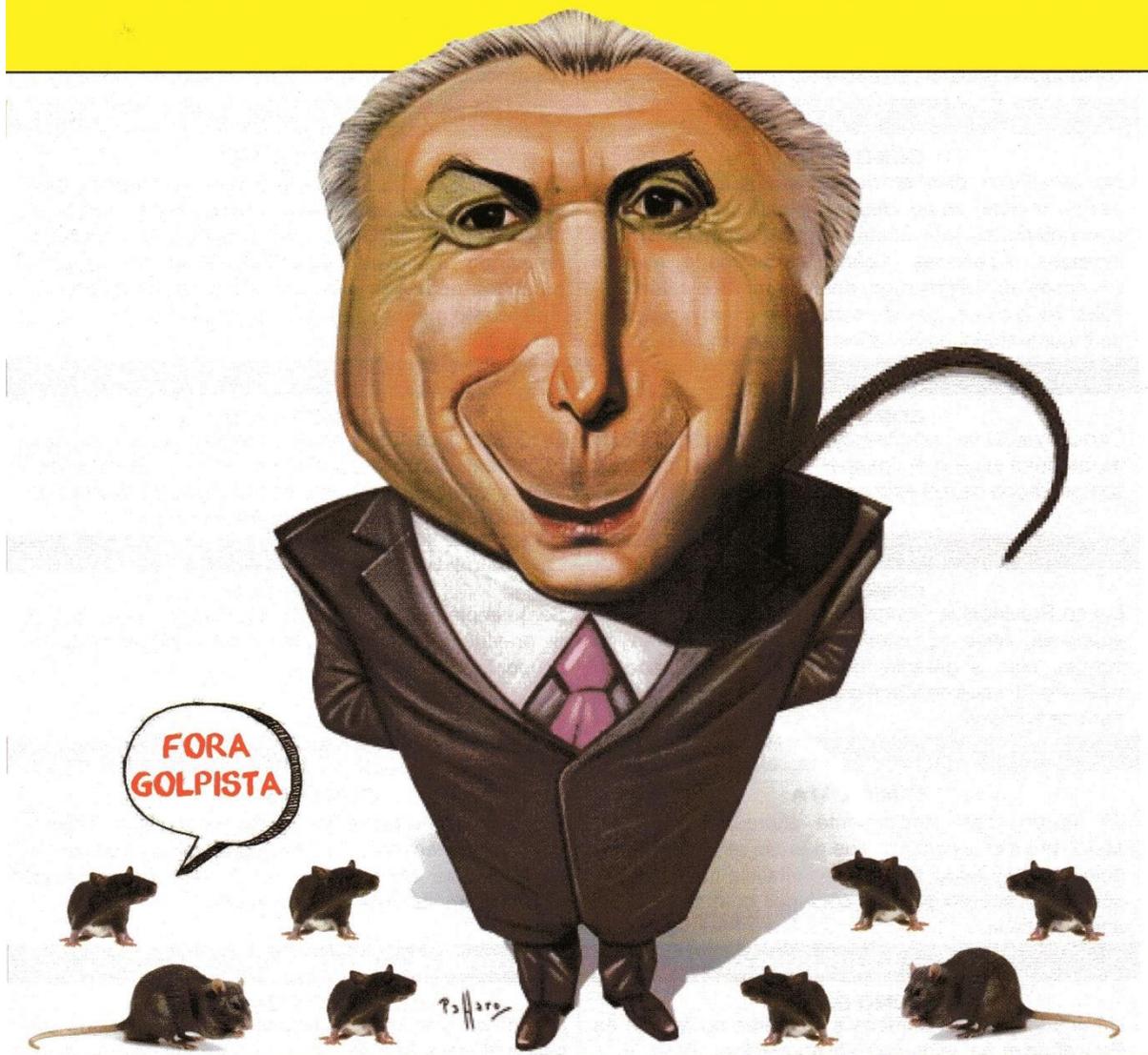
Greve Geral: Trabalhadores se organizam para barrar os ataques aos direitos sociais e aos serviços públicos **6 e 7**

Saúde Docente: ANDES-SN realiza Encontro e lançará pesquisa sobre o adoecimento da categoria **4 e 5**

Indígenas: Relatório aponta aumento da violência contra os povos indígenas e seus territórios **14 e 15**

ANEXO G – Panfleto Reforma da Previdência

MALDADES DO GOVERNO TEMER



REFORMA DA PREVIDÊNCIA

ANEXO H – Panfleto Movimento Mães e Pais pela Educação

Sartori, queremos diálogo pela educação!

Desde o início das Ocupações das Escolas Públicas Estaduais, nós, mães, pais e responsáveis, estamos acompanhando nossos(as) filhos e filhas. Fruto da mobilização deles e delas, enquanto estudantes, as ocupações fizeram vir à tona o estado de abandono de grande parte destas escolas e a precarização do ensino público em nosso estado, considerado hoje, um dos piores no país.

Enquanto mães, pais e responsáveis, por crianças e adolescentes estudantes, preocupa-nos o fato de existirem muitas escolas funcionando sem as mínimas condições e de que a grande maioria dos estabelecimentos não possui Plano de Prevenção e Proteção contra Incêndios (PPCI), ameaçando a integridade física de estudantes e trabalhadores(as) em educação.

Diante dessas preocupações e constatações, construímos um movimento de apoio à luta por uma educação pública de qualidade no Rio Grande do Sul. Entendemos ser inconcebível que as escolas sirvam como depósito de estudantes, sendo prejudicados pela falta de atenção do governo que, somente esse ano, deixou de repassar, através de decreto, cerca de R\$ 2,2 bilhões, que deveriam ser investidos em educação, saúde e segurança. Ação que, em parte, é responsável – portanto – por esse estado de coisas.

A tortuosa busca de diálogo

Desde o início das Ocupações de Escolas, buscamos canais de negociação com o Governo do Estado. E não fomos atendidos(as). Apenas na semana passada conseguimos iniciar debate junto a Comissão de Segurança e Serviços Públicos da ALRS, quando – finalmente – abriu-se um processo de diálogo junto ao Ministério Público, Governo e Judiciário.

Entretanto, essa abertura foi suspensa no final da tarde da última quinta-feira, 09 de junho, quando o Governo distribuiu Nota Pública em que não apresentou propostas concretas de atendimento às reivindicações dos(as) estudantes e fixou prazo de 48 horas para a desocupação das escolas. Naquele dia, o protesto pacífico de estudantes, em sua maioria menores de idade, foi recebido na Praça da Matriz, de maneira truculenta pela tropa de choque. Uma atitude poucas vezes vista antes na história do RS. O confronto só foi evitado pela postura dos(as) estudantes e nossa.

Mas o fato demonstrou a indisposição do atual governo em buscar a solução não violenta do conflito.

Exigimos respeito aos direitos de todas as crianças e adolescentes

Diante dos fatos até aqui mencionados, seguimos abertos ao diálogo, repudiando qualquer tipo de violência, e solicitamos:

- À **SEDUC** e ao Corpo de Bombeiros, a relação das escolas que possuem PPCI, bem como quais as pendências as adaptações solicitadas pelo Corpo de Bombeiros;
 - À **SEDUC**: - A clara definição de prazos para a reforma estrutural de cada uma das escolas; - A garantia de nenhuma punição a estudantes que participam do movimento de ocupações; - A abertura imediata de diálogo entre estudantes, mães, pais e educadores(as) e órgãos governamentais, mediada pelo Conselho Estadual de Educação, para a revisão do currículo e de outros componentes curriculares e extracurriculares, tendo por base as demandas de estudantes, as legislações e planos educacionais;
 - Ao **Tribunal de Contas do Estado**, a realização de Auditoria, tendo como um dos focos a merenda escolar, pelo descumprimento por parte do Governo da aplicação do percentual mínimo estabelecido constitucionalmente e, como outro, o repasse de recursos da educação para outras áreas;
 - Ao **Ministério Público**: - Sua intervenção para a reabertura das negociações entre estudantes, mães, pais e responsáveis, e Governo, bem como determinação de que nenhuma ação truculenta ocorra durante o desenvolvimento desta; e apuração dos casos registrados de violência de qualquer tipo contra crianças e adolescentes que ocupam as escolas ou participaram de atos públicos relacionados a estas;
 - Ao **Governo do Estado**, a retirada do PL 44/2016 apresentado pelo Poder Executivo, e do PL 190/2015 (apresentado por deputado da base do governo Sartori), ambos em tramitação na Assembleia Legislativa;
 - À **Defensoria Pública** a criação de uma Ouvidoria da Educação e a transparência dos dados sobre as denúncias recebidas.
- Por fim, reivindicamos a formalização de uma Comissão entre mães, pais, professores(as), estudantes, órgãos governamentais Ministério Público para acompanhamento dos acordos resultantes das negociações.

Movimento Mães e Pais pela Educação | POA, 11/06/16.

[facebook.com/maesepaispelaeducacao](https://www.facebook.com/maesepaispelaeducacao)

ANEXO I – Jornal ANDES SN (matéria central pg.8)

MP 746/2016 compromete todo o sistema educacional brasileiro

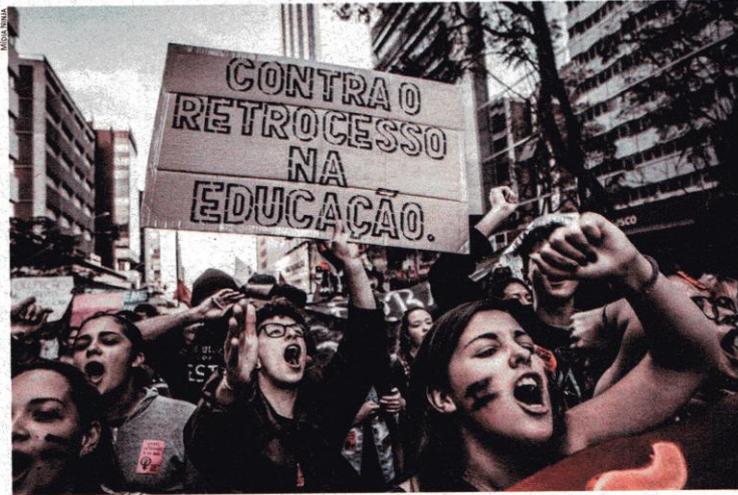
Mudanças impostas de forma autoritária pela Medida Provisória 746/2016 intensificam o desmonte da Educação Pública no país

Em mais um recente ataque à Educação Pública, a Medida Provisória (MP) 746/2016, que instaura a contrarreforma do Ensino Médio do Brasil, foi publicada no dia 23 de setembro. A medida foi imposta a partir de um instrumento antidemocrático, que demonstra claramente as intenções do governo Temer em ignorar entidades, como o ANDES-SN, a categoria docente e os movimentos estudantis que lutam diariamente contra o desmonte dos serviços públicos, atendendo apenas aos interesses do Capital.

Com mudanças significativas no Ensino Médio, os prejuízos são inúmeros, e não só para os estudantes. A medida propõe uma formação aligeirada, heterônoma, que afasta a possibilidade de formação de cidadãos críticos e autônomos. As imposições alteram a carga horária e promovem o enjugamento do currículo com a exclusão de disciplinas importantes, flexibilizando ainda sua escolha. Desqualificam os cursos de Licenciatura, além de desvalorizar e desprestigiar a categoria docente. Há ainda a integração entre a etapa regular de ensino e os cursos técnicos e profissionalizantes.

O docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), José Rodrigues, explica que as mudanças não foram ‘propostas’, mas estabelecidas, visto que a MP entrou em vigor imediatamente após a publicação. “Trata-se, na verdade, de uma guerra de movimento na luta do capital contra a classe trabalhadora”, ressalta.

Por trás de todas essas alterações, mostra-se o objetivo da política educacional a ser adotada no país: o direcionamento da educação no favorecimento exclusivo dos setores dominantes que servem ao grande Capital e a preparação unilateral e linear para o mercado de trabalho. Com mais este ataque, o governo Temer demonstra mais uma vez estar comprometido apenas com as exigências do mercado, colocando em risco, para isso, todo o sistema educacional brasileiro.



Em trecho do documento que justifica a medida, o governo Temer defende a implementação da MP 746/2016, ressaltando que as propostas desse “novo modelo” de Ensino Médio, como os cursos de qualificação, estágio e ensino técnico profissional, alinham-se “às recomendações do Banco Mundial e do Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef”, o que indica, claramente, as organizações e diretrizes às quais esta reforma está atrelada.

Na opinião da 1ª vice-presidente da Regional São Paulo e uma das coordenadoras do Grupo de Trabalho Política Educacional do ANDES-SN (GTPE), Ana Maria Estevão, a reforma tornará o Ensino Médio mais genérico, e “não resolve os problemas crônicos do ensino público nacional. Atinge diretamente aqueles que não podem pagar e é uma tentativa de evitar a evasão escolar preparando mão de obra através de uma educação tecnicista, que prescinde de um conhecimento integrado e interdisciplinar”, diz.

De acordo com Ana Maria Estevão, a MP 746/2016 não considera questões importantes para a educação e o ensino, como a formação do conhecimento integral, que se dá por acúmulo das várias

áreas do conhecimento. A diretora do ANDES-SN acrescenta que a medida também “não contempla a necessidade de investimentos pesados na qualificação dos professores e a necessidade de reduzir o número de estudantes por sala de aula, de 45 para 25, de acordo com critérios internacionais”, complementa.

Para José Rodrigues, o caráter imediato da pretendida transformação do Ensino Médio é utilizá-la como “cortina de fumaça” para encobrir problemas conjunturais e, principalmente, os limites estruturais da educação brasileira em uma sociedade de classes. “Um dos interesses que precisa ser oculto é a redução das verbas públicas destinadas constitucional e infra-constitucionalmente à educação, e também à saúde e todas as demais áreas sociais. Tal redução dos gastos sociais, além da privatização dos direitos sociais, que não começou no governo Temer, é implementada de diversas formas. No que tange ao momento que vivemos, devemos ficar atentos à PEC 241/2016, a famigerada emenda constitucional que estabelece o congelamento do orçamento público – mas que não coíbe a transferência de recursos orçamentários à fração rentista da burguesia, que detém os títulos da

ANEXO J – Panfleto ASSUFRGS, DCE, APG, ANDES

Vamos quebrar esse gelo!

A Proposta de Emenda à Constituição 241 visa aprofundar o desmonte dos serviços públicos e legalizar a retirada de direitos constitucionalmente garantidos aos trabalhadores.

Congela os salários dos servidores públicos e suspende a realização de concursos por 20 anos



O recurso tirado das áreas sociais será usado para pagar juros e amortização da dívida pública

Retira da Constituição o limite mínimo obrigatório de investimento em saúde e educação públicas

Se a regra prevista na PEC 241 já estivesse em vigência, as despesas realizadas em educação pública, que já não são suficientes, seriam ainda mais escassas. Estudo* mostra que, entre 2010 e 2015, a educação pública recebeu R\$ 401,9 bilhões. Com os cortes da PEC 241, seriam destinados apenas R\$ 153,8 bilhões nesses cinco anos. Veja o comparativo:

Despesa Realizada	Como seria com a PEC 241
2010 R\$ 46,8 bilhões	2010 R\$ 22,0 bilhões
2012 R\$ 67,2 bilhões	2012 R\$ 24,8 bilhões
2015 R\$ 75,6 bilhões	2015 R\$ 29,6 bilhões

* Estudo realizado pela subseção do DIEESE - Departamento de Estatística e Estudos Sócioeconômicos no ANDES - SN.

ASSUFRGS
FASUBRA
Sindicato dos Trabalhadores Administrativos de UFRGS, UFOPA e FRS

DCE
UFRGS

APG
ASSOCIAÇÃO DE PÓS GRADUANDOS UFRGS

ANDES
SINDICATO NACIONAL
CSP - CONTEVE

ANEXO K – Panfleto Ocupa FABICO/Ocupa Tudo BR

querem tirar nossos DIREITOS

POR ISSO, OCUPAMOS CERCA DE 40 CURSOS DA UFRGS: É UMA FORMA DE RESISTÊNCIA!

O QUE É A PEC DO TETO DE GASTOS?

A PEC 241/55 é um projeto econômico de austeridade do governo Temer que tem o objetivo de limitar o crescimento dos investimentos sociais do Governo Federal, sendo reajustados pelos próximos 20 anos apenas de acordo com a inflação.

Educação, Saúde, Segurança, Previdência, Assistência Social, Infraestrutura, Saneamento Básico, Transporte, Reforma Agrária, Ciência e Tecnologia, e outras áreas serão congeladas.

COMO FICA A EDUCAÇÃO?

A pasta da Educação, que representa apenas 3,7% do PIB, deixa de receber os 18% da receita líquida vinda dos impostos, como acontece normalmente.



Se a PEC estivesse em vigor nos últimos 10 anos, teríamos 72 bilhões a menos na educação - muitos de nós nem estaríamos estudando. O Congresso Nacional estima pra 2016, 1/3 da verba.

E O SALÁRIO MÍNIMO?

De 2002 a 2016 teve aumento de 77% acima da inflação, passando de R\$200 para R\$880. Com a PEC desde 1998, o salário mínimo seria de apenas R\$400.

COMO FICA A SAÚDE?

A pasta da Saúde, que representa apenas 4% do PIB, deixa de receber os 13,2% da receita líquida vinda dos impostos, como acontece normalmente.



Se a PEC estivesse em vigor nos últimos 10 anos, teríamos 37 bilhões a menos na saúde. O Conselho Nacional de Saúde estima que a pasta perderá mais de R\$400 bilhões em 20 anos.

E O SERVIÇO PÚBLICO?

Caso o limite anual de despesas for extrapolado, os salários dos servidores não poderá ser reajustado e não poderão ser realizados novos concursos públicos.

O QUE É A REFORMA DO ENSINO MÉDIO?

A MP 746, suposta Reforma do Ensino Médio, promove o desmanche do ensino público que atualmente já opera de forma precária. Matérias como filosofia, sociologia, educação física, artes e línguas estrangeiras não serão obrigatórias, sendo optativa sua inclusão no currículo das escolas. Além disso, institui o turno integral para todo o ensino médio ao mesmo tempo em que a PEC 55 visa congelar essa área por 20 anos, o que é inviável.

O QUE É "ESCOLA SEM PARTIDO"?

Outra ameaça para educação brasileira é o PLS 193, que chamamos de "Escola Com Mordaca". Este visa construir uma educação carente de pensamento crítico e cidadania através da censura dos conteúdos abordados em sala de aula. Tanto o Ministério da Educação, em Julho, quanto a Advocacia Geral da União se manifestaram contrários ao projeto. O Governo não debateu nenhum projeto e ocupamos para poder decidir sobre que educação queremos.

PORQUE OCUPAMOS NOSSAS FACULDADES?

Com a PEC desde 2006, o orçamento da UFRGS (Fonte Tesouro) perderia R\$580 milhões no somatório dos anos, R\$109 milhões so em 2015 (59,2% a menos). Cerca de 40 cursos estão com suas unidades de ensino ocupadas como forma de resistência a esse pacote de ataques aos direitos de nós estudantes, trabalhadores e população em geral.

AS OCUPAÇÕES NÃO SÃO ILEGAIS

Nossas ocupações foram aprovadas em assembleias legítimas regidas por estatutos reconhecidos por estudantes, professores, servidores e direções de unidades de ensino, além de serem asseguradas pela Constituição Federal nos termos de liberdade de pensamento, de reunião e de manifestação. A Defensoria Pública da União também legítima, uma vez que elas não são crimes pelo Direito Penal.

A PEC DO TETO É, SIM, ILEGAL

Já a PEC do teto de gastos fere diversos princípios da constituição, como o da separação de poderes (art. 2º c/c art. 60, § 4º, III), o do voto direto, secreto, universal e periódico (art. 60, § 4º, II), da vedação ao retrocesso social (art. 60, § 4º, inciso IV, c/c o art. 5º, § 2º e art. 6º) etc. E o plei, só poderá ser revista em 10 anos, caso a presidência em exercício em 2026 envie projeto de lei complementar ao Congresso Nacional.

O pagamento de Juros da Dívida Pública para os ricos (banqueiros e grandes empresários) não será limitado pela PEC - pelo contrário, aumentará exponencialmente, subindo para 340 bilhões em 2017. A Auditoria da Dívida Pública ajudaria a reduzir o pagamento desses juros aos ricos. Existem outras saídas para a crise, como o Imposto sobre Grandes Fortunas (IGF), que poderia gerar cerca de R\$49 bilhões anuais. Estamos diante do maior levante estudantil da história do país: já são mais de mil escolas de ensino médio ocupadas e mais de 220 ocupações em universidades e institutos federais pelo Brasil. É hora de resistência! #OcupaUFRGS #OcupaTUDO

ANEXO L – Agenda da Ocupa Faced (divulgação web)

AGENDA DA OCUPA

segunda-feira, 07/11

09:30 - Conversa a partir de produção Audiovisual -
Tanise Reginato

10:00 - 12:00 - Oficina de Origami

14:00 - Roda de Conversa: Acessibilidade e Direitos
das pessoas com Deficiência na Universidade - com
Felipe Mianes

19:30 - Debate on-line das Chapas a direção

20:30 - Assembleia

Vem!

ocupafaced@gmail.com

ANEXO M – Imagens da videoarte *Muto*

